



Universidade Estadual de Maringá  
Mestrado Profissional em Ensino de História



PROF **HISTÓRIA**  
MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA**

**ROBERTO DOS SANTOS VIANA**

**CEMITÉRIO MUNICIPAL DE PÉROLA - PR: ESPAÇO DOS MORTOS,  
VIDAS NARRADAS (1959 - 2018)**

**MARINGÁ**

**2018**

**ROBERTO DOS SANTOS VIANA**

**CEMITÉRIO MUNICIPAL DE PÉROLA - PR: ESPAÇO DOS MORTOS,  
VIDAS NARRADAS (1959 - 2018)**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito obrigatório para a conclusão do curso de Mestrado em Ensino de História. Área de Concentração: Ensino de História. Linha de pesquisa: Saberes históricos em diferentes espaços de memória.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Solange Ramos de Andrade.

**MARINGÁ**

**2018**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

Viana, Roberto dos Santos

V614c Cemitério Municipal de Perola - PR: Espaços dos mortos, vidas narradas (1959-2018)/ Roberto dos Santos Viana. -- Maringá, 2018.

85 f.: il., color., figs., tabs., mapas.

Orientadora: Prof.a. Dr.a. Solange Ramos de Andrade.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA, 2018.

CD-ROM. ; il. ; 4¼ pol.

1. Ensino de história. 2. Memórias locais. 3. Cemitério de Pérola -PR. I. Andrade, Solange Ramos de, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. III. Título.

CDD 22. ED.929.5

Jane Lessa Monção CRB/9 1173

**ROBERTO DOS SANTOS VIANA**

**CEMITÉRIO MUNICIPAL DE PÉROLA - PR: ESPAÇO DOS MORTOS,  
VIDAS NARRADAS (1959 - 2018)**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito obrigatório para a conclusão do curso de Mestrado em Ensino de História. Área de Concentração: Ensino de História. Linha de pesquisa: Saberes históricos em diferentes espaços de memória.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Solange Ramos de Andrade

Aprovado em \_\_\_\_\_

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Solange Ramos de Andrade - Presidente

---

Prof. Dr. Cairo Mohamad Ibraim Katrib - 1<sup>º</sup>. Examinador

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vanda Fortuna Serafim - 2<sup>a</sup>. Examinadora

Maringá  
Agosto de 2018

*A todos os professores que, apesar das dificuldades encontradas em sala de aula, lutam cotidianamente por uma educação de qualidade.*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, minha gratidão é direcionada a Deus, que tornou meus sonhos possíveis.

A minha família, especialmente aos meus pais, por lutar e acreditar em mim, por jamais medir esforços para que minhas escolhas fossem efetivadas.

Aos meus tios, Ivan e Fernanda, que me acolherem em sua casa desde o processo seletivo, bem como durante minhas viagens à Maringá para as aulas do mestrado.

A minha orientadora, Dra. Solange Ramos de Andrade, por ter mostrado o melhor caminho a seguir, desde a graduação e a minha primeira iniciação científica. Em cada orientação, puxão de orelha, leitura indicada e correção a ser feita, me ensinou o que é ser um historiador.

A minha "coorientadora", Márcia Regina de Oliveira Lupion, por estar ao meu lado nesta reta final, cada e-mail trocado, cada mensagem compartilhada, livros emprestados, enfim, você foi essencial para a conclusão deste trabalho.

A professora Doutora Vanda Fortuna Serafim e ao professor Doutor Cairo Mohamad Ibraim Katrib por participarem de minha banca de qualificação, contribuindo com suas análises e reflexões, e por comporem minha banca de defesa.

Os meus amigos do ProfHistória, por serem amparo nas angústias, parceiros nas trocas de experiências e incentivadores desta reta final.

Os professores do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), pelas indicações de leituras e discussões teóricas, em especial a professora Doutora Vanda Serafim, referência a ser seguida por qualquer graduando. Desde a graduação e as pesquisas do Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades (LERR), você sempre me ajudou.

Meus colegas, professores e alunos do Colégio Estadual Nestor Víctor. As diretoras Roseli Bressan e Ana Gláucia, e a secretária Márcia, por colaborarem nesta jornada, sempre compreensivas e amigas.

Os professores e alunos do Colégio Global e SESI, pela torcida e por oportunizarem condições para me tornar um profissional melhor.

Os meus amigos, que sempre estiveram ao meu lado nas fases de desânimo, por serem compreensivos nos momentos de ausências, por estarem comigo nos momentos de alegrias e, principalmente, por serem companheiros nas idas a Maringá e nas pesquisas no cemitério.

A Aline Callegari, pela ajuda na construção da planta cemiterial, indispensável nesta pesquisa.

A todos que, direta ou indiretamente, estiveram presentes nesta longa jornada do Mestrado Profissional em Ensino de História.

## **RESUMO**

A presente dissertação, com o respaldo da História Cultural, objetiva analisar as maneiras pelas quais uma determinada sociedade se organiza para vivenciar suas relações com a morte. Especificamente aborda o Cemitério Municipal da cidade de Pérola, Estado do Paraná, enquanto espaço produtor de memória da cidade, durante o período de 1959 a 2018. A partir da utilização de fotografias dos espaços do Cemitério, ao abordar os espaços dos mortos enquanto construção das memórias locais, propõe um álbum pedagógico com vistas a contribuir para a prática docente do professor de História, nos anos finais do ensino fundamental.

**Palavras-chaves:** Pérola. Cemitério Municipal. Memória. Ensino de História. Álbum Pedagógico.



## **ABSTRACT**

This thesis, supported by Cultural History, aims to analyze the ways in which a certain society organizes itself to live its relations with death. Its specific approach will be the City Cemetery of Pérola city, in the state of Paraná, as a memory producing space in the city during the period from 1959 to 2018. This will be possible through the use of photographs of the spaces of the Cemetery, for they will be considered as spaces of the dead as a construction of local memories. Thus, an educational album with the intent of contributing to the teaching practice of the History teacher of the final years of elementary school will be proposed.

**Keywords:** Pérola. City Cemetery. Memory. History Teaching. Educational Album.

*Eu fui o que tu és, e tu serás o que eu sou....*

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capela Mortuária Municipal de Pérola .....	27
Figura 2: Cemitério Municipal de Pérola no Dia de Finados .....	28
Figura 3: Jornal Regional Folha de Pérola - agosto/2010.....	36
Figura 4: Mapa da cidade de Pérola - Pr.....	37
Figura 5: Mapa da colonização da microrregião de Umuarama e as Companhias Colonizadoras .....	38
Figura 6: Sr. Alberto Byington.....	39
Figura 7: Panfleto de propaganda Byington & Cia Colonização (1).....	41
Figura 8: Panfleto de propaganda Byington & Cia Colonização (2).....	41
Figura 9: Túmulo de Kazuo Kamei.....	45
Figura 10: Senhora PérolaEllis Byington .....	46
Figura 11: Logotipo político de Pérola.....	47
Figura 12: Recorte da Planta de Pérola, 1959 .....	48
Figura 13: Entrada do Cemitério Municipal de Pérola no Dia de Finados.....	49
Figura 14: Parte antiga do Cemitério Municipal de Pérola (1).....	49
Figura 15: Parte antiga do Cemitério Municipal de Pérola (2).....	50
Figura 16: Túmulo sem identificação, arquitetura tumular no formato de Igreja.....	51
Figura 17: Parte nova do Cemitério .....	51
Figura 18: Cartas sobre o Túmulo de Tainá.....	52
Figura 19: Túmulo de Guilherme Cunha.....	53
Figura 20: Túmulo sem a representação do morto.....	54
Figura 21: Túmulo comepitáfio espírita.....	54
Figura 22: Planta do Cemitério Municipal de Pérola.....	56
Figura 23: Cemitério Municipal de Pérola e seus arredores .....	57
Figura 24: Localização do Cemitério Municipal em relação à Prefeitura Municipal.....	58
Figura 25: Túmulo de Gentil Scalco (1).....	64
Figura 26: Túmulo de Gentil Scalco (2).....	65
Figura 27: Túmulo de Gentil Scalco (3) .....	66
Figura 28: Túmulo de CleuzaSantinon (1).....	68
Figura 29: Túmulo de CleuzaSantinon (2).....	70
Figura 30: Túmulo de CleuzaSantinon (3) .....	71
Figura 31: Túmulo sem identificação (1) .....	72
Figura 32: Túmulo sem identificação (2).....	73
Figura 33: Túmulo sem identificação (3).....	74
Figura 34: Cemitério Municipal de Pérola, perspectiva do Cruzeiro .....	75
Figura 35: Cultura Material no Cruzeiro (1).....	76
Figura 36: Cultura Material no Cruzeiro (2).....	77
Figura 37: Cultura Material no Cruzeiro (3).....	78

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2. MORTE, MEMÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA.....</b>	<b>20</b>
<b>3. PÉROLA E SEU CEMITÉRIO .....</b>	<b>33</b>
<b>4. O ENSINO DE HISTÓRIA E O USO DE IMAGENS: METODOLOGIA DE ANÁLISE</b> <b>.....</b>	<b>56</b>
<b>4.1 Túmulos de personalidades .....</b>	<b>64</b>
<b>4.2 Túmulos de crianças .....</b>	<b>68</b>
<b>4.3 Túmulos sem identificação .....</b>	<b>72</b>
<b>4.4 O Cruzeiro .....</b>	<b>74</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>79</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>81</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A partir da História Cultural pretendemos analisar as maneiras pelas quais determinada sociedade se organiza para vivenciar suas relações com a morte. Especificamente, trataremos de abordar o Cemitério Municipal de Pérola, Estado do Paraná, enquanto espaço produtor da memória da cidade. A partir da utilização de fotografias dos túmulos do Cemitério Municipal, tomados como espaços de memórias da cidade, durante os anos de 1959 a 2018, propomos um álbum pedagógico que objetiva contribuir com a prática docente da disciplina de História nos anos finais do ensino fundamental.

Visto que, as práticas sociais são, na sua maioria, espaciais (SEEMANN, 2002, p.2), não podemos trabalhar com memória e fotografia sem designar o espaço no qual a imagem é vivida e captada. Para tanto traçaremos o caminho que nos leva ao Cemitério Municipal de Pérola, pois entendemos que narrar o percurso nos ajuda a criar referências espaciais para a construção da memória.

Distante 50 km da cidade de Umuarama<sup>1</sup>, Pérola é considerada uma cidade de pequeno porte, com aproximadamente 10.208 habitantes (IBGE, 2010), que ocupam uma área de 260.632 km<sup>2</sup>. O caminho que liga Umuarama a Pérola é feito, principalmente, pelas rodovias PR-489 e PR-182, trecho que passa pela cidade de Xambrê<sup>2</sup> e seus distritos<sup>3</sup>. Outra alternativa, saindo de Umuarama rumo a Pérola, é por meio da PR-323 até cidade de Cafezal e pela rodovia PR-485, é pouco utilizada devido ao alto índice de acidentes, fato que lhe confere o adjetivo de rodovia da morte.

Desconhecida para muitos, descreveremos Pérola a partir do trecho por onde iniciou o seu processo de ocupação, a rodovia PR-182. Nosso olhar não é de um geógrafo ou de um antropólogo, mas de um historiador que narra as paisagens locais de uma cidade. Nossa viagem inicia-se a partir do Posto da Polícia Rodoviária até chegarmos ao Cemitério Municipal, localizado a, aproximadamente, 5 km.

Após o Posto deparamo-nos com uma estrada ampla, com longos canteiros permeados

---

<sup>1</sup> Umuarama é o principal município da região Noroeste do Paraná. Essa cidade foi colonizada na década de 1950 pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná e atualmente é considerada a cidade sede da Região Metropolitana de Umuarama composta por 22 municípios.

<sup>2</sup> A cidade de Xambrê foi criada pela Companhia colonizadora Byington em meados de 1957 e tornou-se município em 1961. Pérola foi distrito de Xambrê até o ano de 1966 quando ocorreu seu desmembramento pela Lei 5395 de 14/09/1966 - Diário Oficial 163 de 16/09/1966.

<sup>3</sup> Xambrê possui três distritos, Casa Branca, Elisa e Pindorama sendo que os dois primeiros encontram-se na rodovia que liga Xambrê a Perola.

por pinheiros, flores e algumas palmeiras, enquanto nos acostamentos poucas são as árvores. Seguimos pela avenida Celso Ramos até chegarmos a praça Alvorada. Em um caminho constituído de três quadras com média de 300 metros cada, observamos várias casas recém construídas e dois pontos referenciais da cidade, a rodoviária municipal<sup>4</sup> por onde transitam duas empresas de ônibus, a Expresso Maringá e a Viação Umuarama e, o centro industrial da empresa de vestuário Opnnus Jeans, que emprega a maioria da população perolense<sup>5</sup>.

Na praça encontramos o portal da cidade, "Bem-vindos a Pérola", ponto de chegada para quem vem de Xambê e Cafezal do Sul e, mesmo após reforma, o espaço é marcado por pouca iluminação e arborização, não se configurando como um espaço de lazer para a população local.

A partir da praça seguimos rumo oeste pela avenida Dona Pérola Byington, continuação da Celso Ramos<sup>6</sup>, dividida em duas vias que percorrem o sentido Leste-Oeste, separadas por canteiros com flores, pinheiro, buchinhas, palmeiras e nas margens direita e esquerda vemos poucas árvores, o que mostra a pouca preocupação do poder público com a arborização da cidade.

Ao longo da avenida observamos poucas casas, localizadas na primeira quadra saindo da praça Alvorada ou ao fundo de alguns espaços comerciais. A maioria das casas encontra-se em meio a alguns prédios comerciais, que começam a transformar essa avenida no espaço central da cidade.

O centro da cidade tem início com a praça Omeri Borges, conhecida como "Praça do Posto 24h", recentemente revitalizada e conta com área de estacionamento, bancos, intensa arborização e iluminação. As poucas casas passam a dar espaço para a via comercial da cidade; panificadora, lojas de roupas e calçados, mercados, farmácias, salões de beleza, revendedoras de moto, bares e dentre outros, estão dispostos em ambos os lados da rua até chegarmos a praça Nelo Mazzini que, no início da cidade, era ponto de encontro dos amigos, de viajantes e comerciantes nas décadas de 1950 e 1960<sup>7</sup>.

Após 3 km chegamos em outra praça e encontramos lojas de roupas e calçados, bancos,

---

<sup>4</sup> Em meados da década de 1960 a Rodoviária de Pérola foi construída na parte central da cidade, sendo na década de 1980 foi transferida onde hoje localiza-se a praça Nelo Mazzini. O espaço ocupado atualmente pela rodoviária somente foi construído no final da década de 1990 como necessidade de revitalização do espaço central da cidade.

<sup>5</sup> A Opnnus jeans foi instalada em Pérola no ano de 2001 e tornou-se o segundo maior produtor de jeans do Brasil em 2015. Essa empresa gera cerca de mil empregos diretos para a cidade, além dos empregos indiretos com o processo de terceirização do processo produtivo para as facções de Pérola e região.

<sup>6</sup> O nome dado a essa avenida foi em homenagem a D. Elis Pérola Byington, esposa do dono da empresa a Byington, responsável pela ocupação da cidade.

<sup>7</sup> Atualmente em processo de revitalização desde o dia 29 de junho de 2017, como podemos observar na placa da obra, a previsão para o término da obra era 28/02/2018, porém segundo conversa informal com o secretário de obras da prefeitura municipal, a inauguração ocorrerá somente em setembro de 2018, que por coincidência comemora-se mês de aniversário da cidade às vésperas da eleição estadual.

lojas de móveis, supermercados, casas agropecuárias e veterinárias, panificadoras, restaurantes, bicicletaria, casa lotérica, farmácias. Também composta por canteiros com flores, pinheiros, palmeiras, algumas árvores nas margens direita e esquerda, chamam a atenção os espaços elevados do asfalto nos cruzamentos para que os motoristas diminuam a velocidade, pois a cidade não possui semáforos.

Ainda na avenida, identificamos três praças que interligam as ruas secundárias. A última praça, Zequinha de Abreu<sup>8</sup>, em homenagem ao músico, possui espaço amplo, iluminado, arborizado e com um design arquitetônico que mostra instrumentos musicais (violão e piano). Esse é o ponto mais alto da cidade, e no seu entorno encontram-se pontos referenciais da cidade como o espaço da Praça do Estudante, local onde se localizam o Colégio Estadual Nestor Victor, o Colégio Estadual Dona Pérola Byington, a Escola Municipal Waldemar Biaca, a Prefeitura Municipal e o Centro Cultural. A praça marca o ponto extremo da avenida Dona Pérola Byington que, seguindo o rumo oeste transforma-se na avenida Castro Alves e, no sentido norte-sul, na avenida Presidente Vargas.

Seguimos pela avenida Castro Alves e, 100 metros adiante visualizamos a Capela Mortuária. Seguimos até a praça Armando Felipe<sup>9</sup>, onde se localiza a Igreja Matriz Nossa Senhora de Fátima. A praça da Igreja é um dos principais pontos de encontro da cidade, um espaço amplo, arborizado, espaço para caminhadas e lazer, também abriga a rádio comunitária Boa Nova FM 87,9<sup>10</sup> muito ouvida pela comunidade local. Contornando a praça, ainda na avenida Castro Alves avistamos o Cemitério Municipal de Pérola, inicialmente projetado para estar longe do espaço urbano, mas com o crescimento dos loteamentos e dos programas sociais de habitação acabou por integrar o espaço urbano.

A avenida Castro Alves termina ao chegarmos no pátio da Prefeitura<sup>11</sup>, e a partir desse local passa a se chamar Rua Campos Sales, a rua do cemitério. Ao lado esquerdo observamos a presença de alguns sítios que foram incorporados ao espaço urbano devido crescimento da cidade nas últimas décadas. Ao longo dessa rua feita somente de tijolinhos, observamos as margens esquerda e direita muitas árvores, como sete copas, chapéu de praia, sibipiruna, pés de manga. No final da rua chegamos ao Cemitério Municipal de Pérola, com muros revestidos de

---

<sup>8</sup> José Gomes de Abreu, o Zequinha, foi um músico brasileiro da década de 1940, criador da música "Tico-Tico no fubá".

<sup>9</sup> Armando Felipe foi o primeiro pároco da Igreja Matriz de Pérola tomando posse em 1963.

<sup>10</sup> A rádio Boa Nova FM nasceu no ano de 1998, no dia 30 de junho, fruto do sonho e empenho de um grupo de pessoas comprometidas com a sociedade perolense, entre essas pessoas, damos destaque ao Reverendo Senhor Padre Antonio Martins, da Sociedade Missionária Boa Nova. Fonte: <https://www.radioboanovafm.com.br/#radio>

<sup>11</sup> Local onde ficam os automóveis da prefeitura e alguns funcionários como motoristas, pedreiros, carpinteiros, e serviços gerais.

cal e que apresenta a inscrição "Eu fui o que tu és, tu serás o que eu sou".

O cemitério foi projetado em 1959, porém sua construção só ocorreu em meados da década de 1960 como podemos perceber nos arquivos do Cartório de Registro Civil de Xambrê, e é nesse espaço da morte que buscamos construir nossa pesquisa.

A morte é uma das poucas certezas que o homem tem em sua vida. Entretanto, dentre todos os seres para os quais tal afirmação também é verdadeira, “a espécie humana é a única para a qual a morte está presente ao longo da vida, a única a acompanhar a morte com um ritual funerário, a única a crer na sobrevivência ou no renascimento dos mortos.” (MORIN, 1997, p.13).

De acordo com Norbert Elias, o problema para os seres humanos não é a morte, mas o conhecimento da morte. Toda espécie animal, o ser humano incluso, instintivamente luta para sair de situações de perigo. No entanto, para as demais espécies, essa luta representa o instinto de defesa, de sobrevivência. “Uma mãe macaca pode carregar sua cria morta durante certo tempo antes de largá-la em algum lugar e perdê-la. Nada sabe da morte, da de sua cria ou de sua própria. Os seres humanos sabem, e assim a morte se torna um problema para eles.” (ELIAS, 2001, p.11).

Para as sociedades contemporâneas, na qual cada vez mais, a ciência e medicina apresentam formas de retardar o envelhecimento e curar doenças, a morte afasta-se das discussões e preocupações das pessoas.

Compreender a história local a partir das práticas culturais, é buscar entender como os indivíduos realizam funções básicas como se comunicar, comer e beber, sentar-se e andar, como os indivíduos se relacionam, tratam seus parentes, realizam seus rituais e práticas religiosas, ou seja, os modos de vida em que as atitudes ou normas de convivência se fazem presentes por meio das práticas culturais.

As representações ou práticas culturais coletivas podem ser entendidas como a materialização da manifestação do sagrado nos cemitérios ou em outros espaços, da determinação do tempo, das maneiras de socialização, dos códigos culturais entre outras caracterizações realizadas pelos grupos.

[...] à noção de “representação coletiva” autoriza a articular [...] primeiro, o trabalho de classificação e de recorte que produz as configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exhibir uma maneira própria de estar no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais “representantes” [...] marcam de modo visível e



perpetuado a existência do grupo, da comunidade ou da classe. (CHARTIER, 2002, p. 73)

Compreender as noções de práticas e representações torna-se fundamental para o estudo dos espaços de memórias locais, pois podemos perscrutar os objetos culturais produzidos, os sujeitos produtores e os receptores de cultura, os processos que envolvem a produção e a difusão cultural, os sistemas que dão suporte a estes processos e sujeitos e, por fim, as normas nas quais sociedades se organizam quando produzem cultura, e consolidam sua memória coletiva. (BARROS, 2004)<sup>12</sup>.

Segundo Certeau (1982) as formalidades podem ser compreendidas como relações de sistemas coexistentes com os processos de transição e de mobilidade social que não estão redutíveis entre si.

[...] uma nova formalidade das práticas permite apropriar estas transformações estruturais, ao nível das condutas religiosas e de seu funcionamento, sem ter, necessariamente, que passar pelas ideologias que uma elite intelectual elabora. (CERTEAU, 1982, p.128).

As práticas instituídas podem ser pensadas a partir do componente funcional para o qual uma determinada manifestação foi criada, suportando um conjunto de crenças que legitimam sua razão de ser e seu componente simbólico, expresso por meio dos rituais, ligados a operações e definidos por funcionamentos (CERTEAU, 1982, p.32).

[...] as tentativas feitas para decifrar diferentemente as sociedades, penetrando o Dédalo das relações e das tensões que as constituem a partir de um ponto de entrada particular (um acontecimento, obscuro ou maior, o relato de uma vida, uma rede de práticas específicas) e considerando que não há prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e afrontadas, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao seu mundo. (CHARTIER, 2002, p.66)

Segundo Certeau (1982) as formalidades podem ser compreendidas como relações de sistemas coexistentes com os processos de transição e de mobilidade social que não estão redutíveis entre si.

(...) uma nova formalidade das práticas permite apropriar estas transformações estruturais, ao nível das condutas religiosas e de seu funcionamento, sem ter, necessariamente, que passar pelas ideologias que uma elite intelectual elabora. (CERTEAU, 1982, p.128).

Buscando a concepção de práticas de Certeau (1994), analisamos as maneiras de fazer das práticas menores, ou seja, não fundadoras em relação aos produtos culturais difundidos e impostos pelas práticas organizadoras das instituições normativas de uma sociedade. O que

---

<sup>12</sup> BARROS, J. O campo da história – especialidades e abordagens. Petrópolis, Vozes, 2004.

diferencia uma prática da outra são os procedimentos que empregam para, de um lado, produzir cultura e, de outro, para consumi-la. As práticas culturais valem-se de procedimentos estratégicos pelos quais circunscrevem um lugar como próprio, a partir do qual se relacionam com a exterioridade.

Como na literatura se podem diferenciar “estilos” ou maneiras de escrever, também se podem distinguir “maneiras de fazer” – de caminhar, ler, produzir falar, etc. Esses estilos de ação intervêm num campo que os regula num primeiro nível [...], mas introduzem aí uma maneira de tirar partido dele, que obedece a outras regras e constitui como que um segundo nível imbricado no primeiro. (CERTEAU, 1994, p.92)

A história de um município deve ser abordada a partir das práticas que permitiram a construção de suas memórias, formas de sobrevivência dentro quadro social e faça das suas transformações formas de evoluções com outras interlocuções às quais está inserida, uma vez que “postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta” (CERTEAU, 1994, p. 46).

Reescrever uma história do município a partir de seu cemitério significa lidar, não somente com uma visão de história local diferenciada, como também lidar com disputas políticas, religiosas, culturais e sociais acerca de como organizar o local que receberá o morto. Tomamos o cemitério como um espaço, um lugar praticado. (CERTEAU, 1998, p.117).

Segundo Chartier, para pensar historicamente as formas e as práticas culturais devemos pensar em duas definições: a primeira que designa as obras e os gestos que, em uma sociedade, tangem ao julgamento estético ou intelectual. A segunda visa às práticas ordinárias tecidas nas tramas das relações cotidianas e exprimem a maneira como uma comunidade vive e reflete sua relação com o mundo e com o passado (CHARTIER, 2002, p. 93).

Dessa maneira temos a possibilidade de analisar as representações realizadas pela população em Pérola a partir de duas frentes: em primeiro lugar, analisando as maneiras pelas quais ocorrem as incorporações sob forma de categorias mentais das classificações da própria organização social, como, por exemplo, as formas de organização espacial dos cemitérios. Em segundo lugar, como são constituídas as matrizes que constituem o próprio mundo social, na medida em que comandam atos e definem identidades (CHARTIER, 2002, p.72), tais como a escolha do jazigo, e da imagem que representarão o morto, bem como os elementos que o individualizam.

A atitude do homem diante da morte mudou muito ao longo dos séculos e a forma como ela é encarada hoje é muito recente, nos levando a afirmar que percepção que temos da morte é histórica e depende do contexto social e cultural em que está inserida. O moribundo cumpria

um ritual: pedia perdão por suas culpas, legava seus bens e esperava a morte chegar. O homem submetia-se à morte e aceitava-a como sendo justa. (ARIÈS, 1989, p. 31).

A prática de enterrar os mortos nos pátios das igrejas era uma evidência de que mortos e vivos coexistiam no mesmo espaço. A proibição de jogos, danças e feiras nos cemitérios a partir do século XIII foi um indício de que começava a soar incômoda a proximidade entre mortos e vivos. (ARIÈS, 1989).

No século XVIII, a morte tomou um sentido dramático, passando a ser encarada como uma transgressão, que roubava o homem de seu cotidiano e sua família. Inaugurava-se, assim, o culto aos cemitérios. O luto era exagerado: o personagem principal era então a família, e não mais o morto. Não se temia mais a própria morte, mas a do outro. A partir da segunda metade do século XIX, a morte se transformou em tabu: os parentes do moribundo passaram a tentar poupá-lo, esconder a gravidade do seu estado. No século XX, paulatinamente, a representação social da morte passou por uma grande transformação: já não se morre em casa, entre parentes, mas no hospital, sozinho. (ARIÈS, 1989).

Se na Idade Média considerava-se essencial que o fim da existência tivesse o caráter de um ato público, onde não podiam faltar familiares e amigos, na sociedade atual a regra é a neutralização dos ritos funerários e a ocultação de tudo o que diz respeito à morte. (ARIÈS, 1989).

Esta morte interdita, conforme a descreve Ariès (1989, p. 57-58), surge da necessidade de banir a morte do cotidiano, como forma de preservar a felicidade. O autor associa a essa visão da morte a incineração dos corpos, a rapidez dos velórios e, em alguns locais, a ruptura do hábito de visitar os cemitérios. Todas essas mudanças perpassam uma atitude moderna de não querer pensar na morte ou, se diante dela, esquecê-la rapidamente.

Concordamos com Áries ao constatarmos que nos dias de hoje, o morto não está mais enterrado no pátio da Igreja, nem no terreno da casa em que viveu, independentemente de ser um fato religioso ou vinculado às questões de higiene pública. Ele está no cemitério ou nas urnas que guardam as cinzas da cremação. As grandes cidades já contam com fornos crematórios, dispensando os futuros trabalhos de contato com o morto a partir da manutenção de túmulos e visitas em dias específicos, como é o caso de Finados.

É diante de tais considerações, que nossa pesquisa se instaura.

No Tópico 2, *Morte, memória e ensino de História*, discutiremos a relação morte, memória e ensino de História. Conceituamos, a partir de Le Goff (2003) memória coletiva e individual e como elas se estruturam nos espaços fúnebres, bem como em outros espaços de memórias da cidade. Também trataremos da historicidade da morte a partir das relações de

mudanças/permanências, e por fim, apontamos a importância do estudo da morte e do espaço cemiterial para o ensino de História nos anos finais do ensino fundamental.

No Tópico 3, *Pérola e seu cemitério*, apresentamos a história do município de Pérola, e do cemitério municipal, intrinsecamente relacionados, e capazes de revelar aspectos da vida social, cultural e política do município. Tomando como referência alguns autores como Fabrini (2014), discutimos a colonização que ocorre na região por meio da colonizadora Byington, bem como apontamos algumas lacunas acerca da história local.

No Tópico 4, *O ensino de História e o uso de imagens: metodologia de análise*, apresentamos, a metodologia do trabalho com fotografias e sua importância para o ensino de História e propomos a construção do produto desta dissertação, o álbum pedagógico, que busca colaborar com a prática docente de História dos anos finais do ensino fundamental. Nosso álbum pedagógico apresenta algumas fotografias de espaços de memórias da cidade de Pérola (Portal de entrada, capela mortuária, colégio estadual Nestor Víctor, Igreja Matriz Nossa Senhora de Fátima), bem como do espaço cemiterial e seus túmulos que foram retiradas durante os anos de 2017 e 2018. Ao todo foram feitas nove tomadas resultando num acervo de 250 fotografias que privilegiaram cada local fotografado a partir de três ângulos ou perspectivas: uma tomada ampla na qual o túmulo ou outro local registrado aparece no conjunto cemiterial, uma tomada com foco reduzido e uma terceira tomada focando em detalhes presentes nos locais fotografados de forma a evidenciar tanto a cultura material quanto dados dos próprios falecidos. A partir de uma seleção de fotografias buscamos construir um quadro de análise de fotografias cemiteriais que podem ser adaptadas para outros espaços de memórias baseados nos exemplos de Mitsi & Souza (2009) e Mauad (1996).

## 2. MORTE, MEMÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA

Abordamos a relação entre morte, memória e ensino de História, tendo como referência a história cultural, na qual as fontes se apresentam enquanto construções históricas. A partir de diferentes documentos, torna-se possível o estudo da morte sob olhar do historiador que entende esse estudo, como sendo capaz de analisar práticas culturais em determinada época por meio da memória.

O estudo da morte a partir da história local, pode soar estranho ao espaço escolar, porém, é necessário romper com paradigmas tradicionais, e levar o aluno a compreender que a História, não é somente a ciência do passado, nem somente ciência restrita aos homens no passado, é a ciência dos homens no tempo, e esse tempo também é o tempo presente, resultante de um processo de mudanças e permanências. (BLOCH, 2002, p.55).

Mas porque estudar a morte no espaço escolar?

A partir da década de 1990, historiadores brasileiros, influenciados pela terceira geração dos Annales, propuseram novos objetos e novos documentos para a pesquisa cujos desdobramentos atingiram a concepção de ensino de História, que passou a ter como objetivo capacitar o aluno para o questionamento de sua própria historicidade e refletir sobre a natureza histórica do mundo. (MATHIAS, 2011, p.47).

Nesta perspectiva, estudar novos objetos, como a morte, é abranger uma nova concepção de ensino pautada na construção de diferentes espaços de memória e ensino, tal como o cemitério.

A relação com a nova história francesa, manifesta-se na definição dos objetos como construções históricas, criando possibilidades de investigação de temas sobre as diversas dimensões do social, temas considerados marginais pode sem investigados, buscando-se por meio deles analisar os mecanismos de funcionamento da sociedade [...] Podemos apreender a influência dos debates realizados por autores como Le Goff, Pierre Nora, Paul Veyne, divulgados no Brasil por meio de várias obras. A ampliação do campo da história por anexação de novos objetos e novos documentos; o enfrentamento de questões fundamentais para a produção historiográfica, como, por exemplo, a "memória", o "fato histórico", a "cronologia", os "conceitos" e as "fontes", e ainda o desafio do ensino temático em nível de ensino fundamental, experienciado na França e sugerido pelos autores da Proposta Curricular. (GUIMARÃES, 1993, p.95).

Segundo as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná, as relações e as ações humanas produzidas no espaço de memória como estruturas sócio-históricas, são passíveis de serem estudadas pela História (DCE, 2008), visto que, a investigação histórica busca compreender e

interpretar os sentidos que os sujeitos atribuem às suas ações no local e no tempo. Desta feita, pensar a morte, permite ao aluno compreender como os indivíduos dão sentido ao mundo que é deles por meio da memória que, não é apenas individual, pois se constrói no coletivo, resultado composto de lembranças cotidianas, vividas ou rememoradas, ou por princípios fundadores da identidade de um determinado grupo social. (LE GOFF, 2003)

Como a morte deve ser concebida no ensino de História? É necessário estudá-la como manifestação sociocultural, expressa por meio de ritos, objetos e símbolos produzidos pelas sociedades materializados nos cemitérios que, por si só, são lugares de memória e história, sendo frutos das experiências da constituição da vida em sociedade. A morte, além de física, é eminentemente um aspecto sociocultural e sua consciência é uma marca de toda a humanidade que se modifica no tempo e no espaço. (MUNIZ 2006, p.8).

A morte é parte integrante de um complexo de ritos de passagem que se iniciam na infância com o batismo. Sendo a morte o ritual de passagem que completa a vida, com ela o indivíduo é colocado em uma situação de liminaridade, retirado de sua posição social anterior, não mais um vivente da sociedade. O que o caracteriza em sua permanência no cemitério, é a sua individualidade, mantida pelo grupo social ao qual pertenceu, por meio de elementos materiais e imateriais presentes nos cemitérios.

Meu argumento central é o seguinte: o que caracteriza a fase liminar dos ritos de passagem é a experiência da individualidade vivida não como privacidade ou relaxamento de certas regras (pois o neófito está sempre sujeito a inúmeras regras), mas como um período intenso de isolamento e de autonomia do grupo. Mas, o que temos aqui é a experiência com a individualização como um estado, não como uma condição central da condição humana. Ou seja, a individualização dos noviços nos ritos de passagem não envereda pelo estabelecimento de uma ruptura, por meio da ênfase extremada e radical em um espaço interno ou em uma subjetividade paralela ou independente da coletividade; antes, pelo contrário, essa individualização é inteiramente complementar ao grupo. Trata-se de uma autonomia que não é definida como separação radical, mas como solidão, ausência, sofrimento e isolamento que, por isso mesmo, acaba promovendo um renovado encontro com a sociedade na forma de uma triunfante interdependência quando, na fase final e mais básica do processo ritual, os noviços retornam à aldeia para assumir novos papéis e responsabilidades sociais. Tudo se passa como se nos ritos de passagem, a reclusão, a individualização e a invisibilidade dos noviços fossem classificadas como estados negativos, como situações perigosas e anti-sociais que o estar fora do mundo (com sua pletera de mortificações) caracteriza, e que aproxima os neófitos dos feiticeiros, dos xamãs, dos heróis civilizadores, dos profetas e de outras figuras associadas a esse estado de distanciamento da sociedade. (DAMATTA, 2000, p.11).

Sendo uma marca de toda humanidade, estudar a morte na sociedade brasileira, pressupõe um estudo que vai além dos aspectos materiais que se representam no espaço cemiterial (arquitetura tumular, fotos, epitáfios), torna-se necessário compreender também, os

aspectos atitudinais do homem perante a morte (ritos, orações e práticas).

A atitude de homem diante da morte construída historicamente, logo passa por intensas modificações, por isso reflete aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos de uma sociedade, daí a importância de seu estudo no ensino de História. (PAGOTO, 2004).

A morte, desde o surgimento da humanidade é algo que fascina, amedronta e gera curiosidade por tratar da finitude. Historicamente, desde os primórdios da Pré-História, o homem procurou preservar a memória de seus mortos.

As formas de relação do homem com a morte foi se alterando e se transformando conforme o passar do tempo. De acordo com Otobelli e Varilatti (2007) os povos da antiguidade homenageavam os mortos para garantir boas colheitas, pois acreditavam que eles podiam influenciar a plantação. (PASTORES, 2016, p.27).

Vários estudos acerca das atitudes do homem perante a morte na Pré-história, apontam que o homem de *Neanderthal* já desenvolvia diferentes rituais para seus mortos, entre eles o mais comum, era a prática de enterrar os membros de sua comunidade, como meio de esconder o corpo dos animais, bem como evitar que o morto retornasse ao mundo dos vivos. “A espécie humana é a única para a qual a morte está presente durante a vida, a única que faz acompanhar a morte de ritos fúnebres, a única que crê na sobrevivência ou no renascimento dos mortos.” (MORIN, 1997, p. 13).

Os povos da antiguidade, como os Egípcios, são o exemplo clássico de uma civilização que se preocupou com a morte, por meio do processo de mumificação, que tinha como fundamento preparar o corpo físico para a vivência eterna. Nesse processo feitiços, rituais, embalsamento, cânticos, leitura do livro dos mortos dentre outros ritos, possuíam papel fundamental no encontro do morto com os deuses Anúbis e Osíris. (SANTOS, 2007).

Um aspecto relevante nos rituais estabelecidos pelos Egípcios, diz respeito a questão do "juízo final", muito utilizado nas religiões monoteístas, como o Cristianismo. No antigo Egito, acreditava-se que, para alcançar a imortalidade era necessário passar pelo julgamento no tribunal de Osíris. (SANTOS, 2007).

Esse tribunal era o local em que se encontrava a balança da justiça, que teria a função de contrapor o coração, centro das virtudes e dos vícios, do morto com uma pena, afim de contabilizar suas atitudes em vida. Se o coração fosse mais leve que a pena, era sinal de uma vida repleta de virtudes e generosidades, e essa era a porta de entrada para o então renascimento. O julgamento final tornou-se o primeiro grande medo das civilizações, pois o alcance do "paraíso" pressupunha julgamento das atitudes que o morto teve em vida, e essa

ideia acompanhou diferentes culturas e diferentes crenças.

Esse será o primeiro tipo de medo que se desenvolverá com relação à morte, ou seja, o medo da pós-vida e que está associado psicologicamente com o medo de castigo e rejeição quando relacionado com a própria morte ou o medo da retaliação e/ou perda de relacionamento quando associado com a morte de Outros. Posteriormente, no decorrer do desenvolvimento da civilização Ocidental surgirão outros tipos de medos, tais como os que Kastenbaum (1983:46) vai denominar de medo da extinção exemplificado, primariamente, através do medo básico da morte ou destruição do ego. (SANTOS, 2007, p.4).

Com o advento do Judaísmo, que influenciaria diretamente na construção do Cristianismo, a morte passou a ser vista como consequência direta do pecado, que apareceu no mundo com a transgressão realizada por Adão e Eva no Paraíso, retratado no livro bíblico do Gênesis. Desta feita, morrer passou a ser visto como sinônimo de punição. (SANTOS, 2007).

Posterior ao monoteísmo judaico, surge o cristianismo a partir da figura histórica de Jesus e seus ensinamentos aos discípulos. Filho de Deus que veio ao mundo para libertá-lo dos pecadores, Jesus lança a esperança para reverter a punição eterna pregada pelo Velho Testamento, uma nova chance aos crentes em Deus. Os indivíduos, segundo essa concepção religiosa, morrerão fisicamente, processo biológico de "retorno ao pó", porém, nasce a perspectiva de uma nova vida pós morte, que advém da busca em vida, pela vida eterna que se dará com a ressurreição.

Estar preparado para a ressurreição pregada por Jesus, pressupunha todo um contexto ritualístico que envolvia a preparação do morto para o juízo final. No entanto, os rituais mortuários iniciavam-se em vida, e terminavam com os rituais fúnebres, essenciais para alcançar a salvação, dentre eles o testamento, as exéquias e o cortejo até chegar ao momento do enterro que, inicialmente, ocorria dentro das igrejas.

Como aponta Phillippe Àries (1977) no decorrer da Alta Idade Média o ritual da morte era de caráter privado e visto como natural, acontecendo nos espaços domésticos, "a morte doméstica". Esperar a morte, que poderia ser percebida, rodeado de parentes e amigos em seu leito, lamentar a vida, fazer confissões ao sacerdote, as preces, pedidos de perdão, tornava-se essencial na espera da morte, que era visto como algo natural ao ser humano. Nesse período os enterros ocorriam longe dos vivos, pois era necessário impedir que os mortos voltassem à cidade dos vivos, e para isso era necessário também cultivar suas sepulturas.

Para Àries (1977) todo o processo do bem morrer era definido pelo próprio morto em vida, e que após sua morte, a família era a responsável por colocar em prática as exéquias, na maioria das vezes pré-definidas pelo moribundo. Luto (único momento enternecedor de um momento esperado), perdão dos pecados (dado pelo padre na cerimônia religiosa de despedida),



o cortejo (planejado até o cemitério), e o enterro eram os elementos essenciais para que a "morte domada" não atrapalhasse a busca pela salvação.

Vovelle (1996) discorda do pensamento de Ariès ao afirmar que em momento algum a morte tenha sido compreendida enquanto algo passivo e natural ao ser humano. A morte para estaria sempre sujeita a sensibilidade humana, e essa passa por processos de avanços e recuos de acordo com determinado contexto histórico; “Não creio que alguma vez tenha existido um tempo em que a morte humana tenha podido ser natural, como pensa Philippe Ariès, isto é, aceita serenamente, sem medo nem apreensão. Voltaire dizia que a morte sem medo nem apreensão era a dos animais.” (VOLVELLE, 1996, p.14)

Buscando confirmar o pensamento de Ariès, José Luiz de Souza Maranhão, aponta que a morte na Alta Idade Média, era sentida, e acatada de forma natural, como parte no processo do ciclo da vida.

A pessoa que pressentia a proximidade do seu fim, respeitando os atos cerimoniais estabelecidos, deitava-se no leito de seu quarto donde presidia uma cerimônia pública aberta às pessoas da comunidade. Era importante a presença dos parentes, amigos e vizinhos e que os ritos da morte se realizassem com simplicidade, sem dramaticidade ou gestos de emoções excessivos. O moribundo dava as recomendações finais, exprimia suas últimas vontades, pedia perdão e se despedia. O sacerdote comparecia: era tempo agora de esquecer o mundo e de pensar em Deus. O moribundo se confessava e, se tal fosse possível, fazia uma confissão geral. Recebia a comunhão, dada como alimento para a viagem. Em seguida, o sacerdote ministrava a extrema-unção, o sacramento da partida (...) quando se aproximavam os últimos momentos a comunidade recitava as orações dos agonizantes (MARANHÃO, 1998, p. 07).

Porém, toda essa simplicidade da morte transforma-se com o advento das mudanças do final da Idade Média, onde a morte passa a ser vista como algo público apesar de individualizante, assustadora, necessitando de uma maior ritualização rumo ao juízo final. Junto a essas mudanças crescem também, os enterros *ad sanctos*, como aponta Ariès (1977) essa forma de enterro buscava assegurar a proteção dos santos, e a garantia da salvação no dia do juízo final, visto ocorrer no solo sagrado da Igreja. Já as sepulturas, construídas fora desse espaço, eram tratadas segundo Márcia Maria de Medeiros (2008) como malditas.

Qualquer sepultura que estivesse fora desse campo santo, isolada, causava sentimentos de repúdio e horror: as sepulturas solitárias eram consideradas sepulturas malditas pois, somente os malditos, eram abandonados nos campos e alijados da presença de uma coletividade que se estendia até a morte (MEDEIROS, 2008, p.166)

A prática de "bem morrer", marcada por uma série de rituais, se faz presente em toda a sociedade ocidental, e no Brasil não se diferenciou em muitos aspectos dos tratados por Ariès ao apontar essas práticas na Europa.

Existia uma série de passos que o indivíduo deveria seguir para chegar ao paraíso no

Brasil; a primeira delas começa em vida, que era a preparação do testamento. No testamento o indivíduo além de colocar suas vontades quanto aos seus bens, suas dívidas, contas quitadas, também descrevia como deveria ser seu funeral rumo a salvação da alma. (PAGOTO, 2004).

Todas as pessoas com algumas posses, por mais parcas que fossem, escreviam seus testamento e inventário registrando cuidadosamente suas últimas vontades, as formas como os herdeiros deveriam dispor do seu funeral e qual deveria ser a disposição dos bens deixados após seu passamento (PAGOTO, 2004, p.31).

Para conseguir a salvação da alma também era necessário assegurar um lugar em meio ao solo sagrado das Igrejas, prática comum no Brasil, e em outros países até meados do século XIX, quando por questões sanitárias criam-se os cemitérios extramuros.

Durante muito tempo, acreditava-se que o corpo e, conseqüentemente a alma do cristão só estariam protegidos se estivessem dentro do solo sagrado. Desde a Idade Média, as pessoas desenvolveram o costume de enterrar seus mortos dentro do âmbito da igreja e imediações. Isso foi resultado da crença de que o morto só ressuscitaria no juízo final, se possuísse uma sepultura ad sanctos, próxima a imagem de algum santo ou mártir, assegurando assim "a proteção do mártir, não só ao corpo mortal do defunto, mais também ao seu corpo inteiro, para o dia do despertar e do julgamento. (PAGOTO, 2004, p.36).

Lembrar do Santo protetor da família era de extrema importância nas devoções fúnebres, visto que, esses viventes na dimensão divina, agiriam como intercessores em meio ao juízo final. Os túmulos próximos as imagens dos santos nas igrejas tornavam-se objetos comerciais de alto valor, assim como as sepulturas perpétuas, que estavam restritas aos benfeitores financeiros da Igreja, ou seja, os que detinham posses e valores. (PAGOTO, 2004).

A prática de enterrar os mortos próximo aos Santos, foi predominante durante todo período medieval até o século XVIII, porém salientamos que mesmo posterior a esse o período essa prática permaneceu viva. Hoje não se enterra mais os mortos próximo aos túmulos dos Santos, porém, é pratica comum nos cemitérios, colocar imagens dos Santos de devoção em cima dos túmulos, sinal de que aquele protetor colaboraria por meio das orações a Deus, na passagem do morto para a vida eterna. (MARANHÃO,1998).

Durante o período medieval, até por volta do século XVIII, encontramos presente a crença muito difundida de que ser enterrado próximo aos túmulos dos santos ou de suas relíquias, perto do altar dos sacramentos, sob as pedras da nave ou no claustro do mosteiro (túmulo ad sanctos) garantia ao defunto uma intercessão especial dos santos e o direito assegurado de salvação. (MARANHÃO, 1998, p. 31).

As missas também eram essenciais nos rituais fúnebres. Antes do alcance do paraíso, todas as almas passariam pelo purgatório, e o encomendar missas em favor dos mortos

diminuiria o tempo em que os entes queridos permaneceriam nesse espaço de purificação. Até os dias de hoje essa prática ainda é muito comum seja em missas fúnebres de 7º Dia, seja nas intenções particulares expressas nas missas diárias, ou por meio nas missas realizadas no dia de finados, onde de forma coletiva reza-se por todas as almas. (PAGOTO, 2004).

Baseado na crença da salvação da alma por meio da realização de os estágios dos ritos fúnebres e temendo uma grande estadia no Purgatório, tornou-se costume entre os cristãos realizar missas em intenções da alma do defunto e, obviamente, quanto mais missas fossem celebradas, menores seriam as penas sofridas antes de alcançar o céu. (PAGOTO, 2004, p.44)

Muitos dos rituais de passagem descritos acima não sofreram modificações ao longo do tempo, demonstrando que os ritos fúnebres, não se modificaram estruturalmente nas sociedades ocidentais, sendo marcados por uma série de permanências com discretas rupturas, fato que afirma a importância do estudo dessa temática no ensino de História, que visa desenvolver a análise das temporalidades (mudanças, permanências, simultaneidades e recorrências) que ocorrem nas práticas e nas representações culturais dos sujeitos.

Rafaela Moreira de Lima, ao tratar do Brasil oitocentista, aponta algumas das práticas comuns do Brasil nesse período:

No Brasil dos oitocentos a morte não poderia acontecer de forma solitária e privada, era indispensável a participação dos familiares, amigos e vizinhos, padre e até desconhecidos. Quando o moribundo era avisado da sua morte, através dos signos naturais, dava-se início aos preparativos para a cerimônia fúnebre garantindo ao morto uma boa passagem para o desconhecido. [...] Os ritos de *post mortem* eram exclusivamente domésticos e de manifestação religiosa, eles iniciavam com a preparação do corpo; cortar o cabelo, limpar e vestir. Em seguida a vela acesa era posta na mão do defunto como uma forma de guiar o espírito do morto aos céus. Os olhos do cadáver eram fechados com o objetivo de fazer com que o morto os fechasse para o mundo dos vivos e os abrisse quando chegasse ao mundo espiritual. Também existiam as celebrações de missas e o sepultamento dentro da igreja, que exerciam a função de conduzir o morto ao caminho dos céus. (LIMA, 2013, p. 2).

A prática desse "bem morrer" no Brasil sofreu algumas modificações, dentre as quais a forma como a morte chega ao indivíduo; passa a ser solitária e privada, nos leitos dos hospitais. O corpo do defunto é encaminhado, em sua maioria, para os planos privados funerários, que transformaram o rito mortuário em uma prática empresarial lucrativa, que deverão preparar o corpo a ser velado não mais em casa, mas em outros espaços públicos como as capelas mortuárias municipais ou mesmo nos espaços privados pertencentes aos planos mortuários privados. As celebrações não mais acontecem na Igreja, mas no próprio local onde o corpo é velado, muitas vezes celebradas por ministros, diáconos paroquiais ou até mesmo pelos pastores, com o crescimento das igrejas protestantes no país.

Muitas das práticas realizadas ao longo da História nos rituais mortuários se repetem, com algumas modificações, no cotidiano da cidade de Pérola. Entre as práticas mais comuns estão os rituais que acontecem no Cemitério Municipal e na Capela Mortuária, local onde a maioria de seus habitantes é velada.

**Figura 1:** Capela Mortuária Municipal de Pérola



**Fonte:** Roberto dos Santos Viana. (20/06/2017)

Na Capela Mortuária é comum, ao longo dos velórios, a prática de cânticos e orações que visam confortar familiares e amigos, bem como orientar o morto rumo a salvação pregada pelo cristianismo, religião mais comum na cidade. Construída em 2009, tem substituído a prática comum, até então, dos velórios que aconteciam nas casas, local visto como saída para a luz.

Um elemento essencial nesse ritual de passagem, seja em casa ou na capela, é a presença dos padres ou pastores que, como mensageiros de Deus, possuem a função de realizar a cerimônia fúnebre de bênção do defunto e direcionamento das palavras necessárias para a salvação. É ele que possui a função de confortar a família, por meio da esperança da ressurreição pregada pelo cristianismo.

A prática do cortejo ainda permanece ativa em Pérola, com os carros seguindo o automóvel oficial da funerária que transporta o caixão até o cemitério. Importante salientar que a Prefeitura municipal oferece o transporte público para aqueles que querem acompanhar o féretro.

Os ritos que antecedem ou que são sequentes ao enterro são essenciais para se alcançar a salvação no juízo final, porém, para efetivamente participar desse momento, os vivos são extremamente importantes, pois são eles que tornam-se os responsáveis por cada um dos ritos que darão continuidade na busca pela salvação, como a realização de missas que acontecem no

7º dia, ou em datas comemorativas, as orações diárias pelas almas do purgatório, bem como a visita cotidiana ou somente no Dia de Finados, bem como o preparar do túmulo anterior a esse dia, isto é, cuidar da limpeza e da decoração.

Nesse momento de liminaridade, devem haver preocupações tais como a cerimônias de purificação, sepultamento, garantia de extrema-unção e missas pela alma (como as missas de 7º dia, de 30 dias e de 1 ano). Também é importante lembrarmos do dia de finados, dia instituído para visitar e rezar pelas almas dos mortos, sobretudo as almas do purgatório, sublinhando simultaneamente sua posição hierárquica mais baixa do que a das almas no céu, e a ativa “communitas” dos vivos, que pede aos santos para intercederem por aqueles que sofrem a aprovação liminar no purgatório (TURNER, 1974). O purgatório é o local para purificação das almas dos que morreram em estado de graça. Para dele escapar mais rapidamente, além do arrependimento na hora da morte, os mortos precisavam da ajuda dos vivos na forma de missas e promessas a santos. (TAVARES, 2010, p.5).

**Figura 2:** Cemitério Municipal de Pérola no Dia de Finados



**Fonte:** Roberto dos Santos Viana. (20/06/2017)

Compreender aspectos dos rituais fúnebres existentes na sociedade perolense torna-se elemento essencial no desenvolvimento da compreensão da vida em sociedade e como ela é representada e construída em dado momento histórico, visto que, a memória de um grupo social se constrói com a interação das lembranças e experiências afetivas de pertencimento.

No estudo da morte, a memória possui um papel fundamental na construção do conhecimento histórico, pois é ela que supõe e revela o objeto ausente, tornando-o verdade visível.

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 2003, p.419).

O estudo da memória na História tornou-se efetivo principalmente a partir de meados

da década de 1970. Segundo Le Goff (2003), a memória coletiva se manifesta principalmente nas sociedades sem escrita, visto que nessas, o acúmulo de memória acontece no cotidiano e se cristaliza nos mitos que narram as origens, os primórdios, os heróis e dentre outros, contados por aqueles que são os guardiões/especialistas/genealogistas da memória, que possuem a função de manutenção da coesão do grupo.

No estudo da morte e dos cemitérios, a memória possui um papel fundamental, visto que as representações do final da vida são retratos da construção da memória do indivíduo em vida. Nesse contexto os guardiões/especialistas/genealogistas da memória, como apontado por Le Goff (2003), são os vivos que rememoram o morto por meio dos vestígios materiais e imateriais que se encontram nos túmulos individualizados.

Nos túmulos, epitáfios, nomes, datas fúnebres e de nascimento, bem como as próprias fotos fazem com que a memória individual do morto, exemplifique a memória coletiva. Para Le Goff (2003) o aparecimento da escrita proporcionou um avanço na construção da memória coletiva, visto que os documentos escritos geraram um melhor armazenamento de informações.

Neste tipo de documento, a escrita tem duas funções principais: "Uma é o armazenamento de informações, que permite comunicar através do tempo e do espaço, e fornece ao homem um processo de marcação, memorização e registro"; a outra, " ao assegurar a passagem da esfera auditiva à visual", permite "reexaminar, reordenar, retificar frases e até palavras isoladas. (LE GOFF, 2003, p.429).

No decorrer da Idade Média houve uma cristianização da memória, e nesse processo houve o desenvolvimento da memória dos mortos que se manifesta por meio dos cultos aos espaços sagrados (cemitério ou túmulos). No pós-morte, os indivíduos, principalmente no dia de Finados (Dia de comemoração dos defuntos), mas que se repete em outras datas festivas como seu aniversário de falecimento, os túmulos tornam-se espaços de rememoração, de oração, pedidos, um espaço de memória dos mortos.

A comemoração dos santos tinha, em geral, lugar no dia conhecido, ou suposto, do seu martírio ou de sua morte. A associação entre a morte e a memória adquire, com efeito, rapidamente, uma enorme difusão no cristianismo, que a desenvolveu na base do culto pagão dos antepassados e dos mortos. (LE GOFF, 2003, p.442).

A memória possui a função de manter os acontecimentos passados e as experiências vividas sempre presentes. Porém, é importante compreender que a História vai além da memória, sendo fruto de um processo de problematização das fontes pelo historiador. Já a memória é passível de modificações, não sendo construções reais do passado, mas narrativas individualizadas, e muitas vezes mitificadas e descompromissados com a verdade. Assim cabe

a História o esclarecimento da memória por meio da problematização documental.

Muitas vezes essas memórias não condizem com os fatos, mas não úteis aos historiadores na medida em que lhes permite explorar a relação entre reminiscências pessoais e memória coletiva, observando as razões pelas quais as pessoas apresentam formas específicas de narrar suas experiências históricas. (PRIORI, 2013, p. 53).

A História assim como a memória, não é neutra, ambas são realidades construídas, seja a partir da problematização das fontes, como no caso da História, seja por meio da rememoração das lembranças e experiências, como no caso da memória. Porém ao trabalhar com a memória o historiador deve contextualizar e analisar as memórias como fontes, sendo sempre comparadas como outras fontes dentro de um mesmo contexto, afim de evitar parcialidade. Padrós aponta que:

De qualquer forma, a história se alimenta da memória e, evidentemente, por torná-la como objeto, matéria-prima ou ponto de partida, porém, não se pode construir conhecimento exclusivamente a partir dela, pois corre o risco de não avaliar corretamente o grau de parcialidade, subjetividade, superficialidade e deformação que pode conter. (PADRÓS, 2001, p.81).

Para a História importa os estudos acerca da memória coletiva, visto que, a memória individual nunca coexiste fora de um grupo social, por isso, a memória é sempre resultado de uma construção que se dá no campo coletivo em meio a determinado contexto social.

São os indivíduos que lembram, mais são os grupos sociais que determinam o que deve ser lembrado e como de sê-lo. Na medida em que os indivíduos se pautam pelos elementos que os identificam e vinculam a um determinado grupo, acabam assumindo para si "lembranças" que, em realidade, não viveram diretamente. (PADRÓS, 2001, p.83)

Se construindo no campo coletivo, a memória estabelece laços de identidade que servem de suporte para os sujeitos sociais se afirmarem enquanto aqueles que preservam as experiências históricas do tempo passado procurando estabelecer relações de esquecimento e preservação. Assim a construção da memória sempre se remeterá a uma repetição/reconstrução individual ligada ao coletivo, lembrar preserva as vivências da coletividade do grupo social. Como afirma Padrós (2001, p.80), cada um constrói a sua memória em ativa interação com os demais, ou seja, ligada às lembranças das experiências e aos laços afetivos de pertencimento a um determinado coletivo social.

Na visão de Halbwachs (2003), a memória enquanto construção de um grupo social permite a rememoração individual, bem como colabora para a construção de lugares de memória/espacos. Esses espacos de memória, como o Cemitério, são construídos a partir das

concepções e valores dos grupos sociais que frequentam esse espaço de luta pelo não esquecimento, sendo que cada túmulo, configura-se como lugar de prática social que traduz aspectos da vida em sociedade, um lugar de rememoração que mantém a memória coletiva.

Essa memória construída no cemitério, é a memória do ausente, a memória do morto, que é relembrado a partir do que era em vida, do que fazia e de como enxergava o mundo, por isso a existência de fotografias, objetos pessoais, santos de devoção, bem como outros elementos da cultura material que tornam-se representações da identidade e individualidade do morto, bem como servem para lembrar alguns aspectos memoriais da vida. Mas qual é o papel dessa memória no ensino de História?

A memória, enquanto capacidade de guardar acontecimentos, possui no ensino de História um papel extremamente importante, visto que, ao caminharem juntas, ambas contribuem para a construção e estabelecimento da identidade social de um lugar.

Membro da terceira geração da Escola dos Annales Jacques Le Goff na obra História e Memória (2003) busca refletir sobre o que é a História e suas relações com a memória. Na visão do autor, a História está relacionada com a memória, visto que, no presente é que se encontra o passado, apesar de existirem elementos do passado que não chegam ao presente. Assim a memória torna-se elemento essencial para situar o aluno em determinado momento histórico, relacionando o vivido com o ensinado.

Tal como as relações entre memória e história, também as relações entre o passado e presente não devem levar à confusão e ao ceticismo. Sabemos agora que o passado depende parcialmente do presente. Toda História é bem contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, a seus interesses, o que não só é inevitável como legítimo. Pois que a história é duração, o passado é ao mesmo tempo passado e presente. (LE GOFF, 2003, p. 51)

Nessa relação História/Memória os lugares de memória possuem um papel extremamente importante, pois são eles que levam os indivíduos a compreenderem o passado dando significado para as relações que se estabelecem no presente.

Nesse sentido, de acordo com as Diretrizes Curriculares de História do Paraná, trabalhar Memória no Ensino de História possibilita ao aluno estabelecer reflexões sobre os valores da sociedade em que vive, reflexões sobre suas práticas cotidianas, bem como possibilita relacionar suas práticas e valores com a problemática da história local, regional e à sociedade nacional e mundial, levando os indivíduos a identificar-se como sujeito que se constituem à partir das relações sociais geradas por experiências históricas que se expressam por meio da consciência. (DCE, 2008, p.57).

Jörn Rüsen ao elaborar as formas e as funções da consciência histórica, aponta que os



sujeitos por meio das experiências do passado interpretam a história, buscando estabelecer relações passado/presente, que são inerentes, visto que, por meio do passado podemos entender o presente, e nessa relação segundo Rüsen (2001, p.10) o saber histórico desempenha sempre funções na vida cultural do tempo presente.

[...] a consciência histórica é o conjunto “das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência” da mudança temporal “de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo”. É, portanto, a “constituição do sentido da experiência do tempo” expressa pela narrativa histórica, ou seja, [...] constitui-se mediante a operação, genérica e elementar da vida prática, do narrar, com o qual os homens orientam seu agir e sofrer no tempo. Mediante a narrativa histórica, são formuladas representações da continuidade da evolução temporal dos homens e de seu mundo, instituidoras de identidade, por meio da memória, e inseridas como determinação de sentido no quadro de orientação da vida prática humana. [...] A narrativa histórica torna presente o passado, sempre em uma consciência de tempo na qual o passado, presente e futuro formam uma unidade integrada, mediante a qual, justamente, constitui-se a consciência histórica (RÜSEN, 2001, p. 57, 65, 66-67).

O sujeito, segundo Rüsen (2001) atribui sentido ao presente/passado por meio da consciência histórica, que se caracteriza pelas experiências temporais. Essa consciência histórica se manifesta segundo o historiador e filósofo alemão por meio de quatro consciências: consciência tradicional (que se manifesta com base na tradição passada culturalmente de forma inconsciente); exemplar (onde o passado torna-se exemplo de conduta a um grupo); crítica (que rompe com a tradição); e a genética (que é a recuperação do passado, porém, com uma nova interpretação). Para Rüsen, a aprendizagem histórica se manifesta por meio da consciência, e essa aprendizagem relaciona-se diretamente com as experiências do passado/presente vivenciadas pelos indivíduos em meio ao coletivo.

Discutir como a morte é apresentada historicamente e como ela se manifesta no cotidiano local do cemitério municipal de Pérola e/ou em outros espaços, bem como relacionar esse objeto com a memória que se constrói das experiências coletivas, é de extrema importância no Ensino de História, visto que essa disciplina tem a função de fundamentar o estudo das experiências humanas no tempo e no espaço, no caso específico dessa dissertação, Pérola - PR (1959-2018).

### 3. PÉROLA E SEU CEMITÉRIO

A construção do ensino de História no Brasil ao longo de seu processo de inserção nas escolas e no meio acadêmico, foi marcadamente influenciada por uma concepção historiográfica tradicionalmente francesa. De acordo com Luís Fernando Cerri (2009), esse ensino, muito voltado ao acúmulo do conhecimento priorizou, ao longo do tempo, três premissas básicas: modernidade, nacionalismo e foco europeu. A modernidade dizia respeito a percepção acerca do passado que pode ser conhecida por meio da pesquisa. O nacionalismo fazia com que o ensino de História se apresentasse como necessidade do presente, como princípio de legitimação da nação brasileira, então nascente. E, por foco europeu que, mesmo sendo antieuropeu, não se negava a influência de sua expansão sobre os estudos históricos.

Podemos caracterizar o surgimento do ensino da "História do Brasil" como ato reflexo do ensino de História europeu, no início para nacionalizar elites, depois progressivamente, na República, para formar identidade nacional, dotar brasileiro de um passado comum com o qual se identificar. Não é gratuito o fato de que os primeiros livros didáticos de História do Brasil eram impressos na Europa, e estudados juntamente com livros de História Universal escritos em francês. (CERRI, 2009, p. 138).

Essa concepção historiográfica que se alicerça no Brasil, principalmente a partir da segunda metade da década de 1980, teve como premissa básica o acúmulo de conhecimento, que se efetuava nas escolas brasileiras como memorização mecânica dos grandes fatos da História nacional e mundial, metodologia essa que ainda permeia quase que a totalidade das escolas brasileiras, e que atende aos interesses dos principais vestibulares do Brasil, que cobram do aluno uma concepção historiográfica factual.

O Ensino de História nas últimas décadas vem passando por intensos debates e críticas a esse modelo tradicional que valoriza, principalmente, aspectos da história nacional e mundial. Exemplo disso é a Lei Estadual nº 13.381 de 18 de dezembro de 2001, que em seu artigo 1º: “Torna obrigatório um novo tratamento, na Rede Pública Estadual de Ensino, dos conteúdos da disciplina História do Paraná, no ensino Fundamental e Médio, objetivando a formação de cidadãos conscientes da identidade, potencial e valorização do nosso Estado.” (PARANÁ, 2001).

Essa lei torna obrigatório o estudo de conteúdos da disciplina de História do Paraná, no âmbito curricular das escolas da Rede Pública Estadual do Paraná, motivo de preocupação aos professores que, em sua maioria, se dizem despreparados para trabalhar essa temática no dia a

dia de sala de aula, daí a preferência por continuar trabalhando temas da historiografia tradicional ou temas da História paranaense que repercutem na História tradicional, como exemplo a Guerra do Contestado (1912-1916), temas esses que acabam por transformar o aluno em mero reprodutor dos fatos.

Não é por outro motivo que observamos, ainda nas últimas décadas do século XX, que, para a maior parte dos estudantes brasileiros, o estudo de história carece de sentido ou utilidade; não se tem a visão de ciência e sim de uma matéria decorativa, estudo do passado, que só exige como vimos, a prontidão em declinar nomes, datas e fatos. Não é de se estranhar que assim seja, porque ocorre a enorme distância entre a realidade vivenciada pela comunidade e o tratamento dado ao ensino de História, já que o aluno se torna mero espectador de fatos, não necessitando esforços no sentido de qualquer reflexão ou elaboração. (BARBOSA, 2006, p.58).

Ao tornar obrigatório o ensino de História do Paraná nas escolas públicas, essa lei abre espaço para uma nova concepção de estudo, aquela que envolve aspectos da História Local e Regional. De acordo com Ângelo Priori (1996), foi a partir da década de 1980 que cresceram no Brasil os debates historiográficos sobre a concepção de História e região. Aponta que a História Regional seria aquela que intenta recuperar a prática social dos homens, a partir da análise das condições históricas objetivas num espaço delimitado (PRIORI, 1996, p. 705), inserido numa temporalidade, segundo as Diretrizes Curriculares do Paraná (2008, p.77). Enfim, o que define esta demarcação espaço-temporal é a historiografia específica escolhida e as fontes históricas disponíveis.

O estudo da História Local nas escolas torna-se elemento essencial para mudanças no paradigma imposto culturalmente de que estudar História, é estudar os grandes acontecimentos da História mundial e nacional apenas. Trabalhar com o local leva o aluno a compreender que a História não é um estudo do passado, mas um estudo que tem como ponto de partida o presente, a refletir sobre o espaço vivido e a compreender como o conhecimento histórico é construído enquanto processo.

Tal estudo oportuniza a reflexão sobre o entorno, tê-lo como ponto de partida para compreender o espaço onde vive, transforma o expectador da história em agente e cria condições para a atuação coletiva na preservação da memória, do ambiente e da convivência. (FONSECA, 2008, p.5).

Compreender aspectos da História Local gera para o aluno um conhecimento diferente daquele que é repassado pelo livro didático que visa uma História distante, estudar a História Local faz com que o passado torne-se mais prático, imediato e possibilite a construção das representações do dia-a-dia do espaço vivido por um sujeito não mais passivo, mas sujeito histórico ativo na construção do conhecimento.

O lugar onde a população se concentra é um espaço que lhe é familiar e onde se constitui a expressão mais objetiva de seus modos de vidas, que permite situar o aluno no momento histórico em que vive [...] o olhar do estudante que investiga a cidade deve buscar as representações do espaço urbano na memória dos habitantes. (LUCENA, 1994, p.2).

Ainda segundo as Diretrizes Curriculares do Paraná (2008):

O estudo das histórias locais é uma opção metodológica que enriquece e inova a relação de conteúdos a serem abordados, além de promover a busca de produções historiográficas diversas. Segundo o historiador italiano Ivo Mattozzi (1998, p. 40), histórias locais permitem a investigação da região ou dos lugares onde os alunos vivem, mas também das histórias de outras regiões ou cidades. Esse historiador aponta alguns caminhos para o estudo das histórias locais:

- a importância da dimensão local na construção do conhecimento do passado e que há fenômenos que devem ser analisados em uma pequena escala;
  - a relação entre os fatos de dimensão local e os de dimensão nacional, continental ou mundial;
  - o estudo e a compreensão das histórias locais do Outro (como as histórias dos indígenas, dos latino-americanos, dos africanos e dos povos do Oriente);
  - o respeito pelo patrimônio que testemunha o passado local;
  - os termos das questões relativas à administração e gestão do território em que vivem;
  - a função e o valor histórico-social das instituições incumbidas da conservação do patrimônio e do estudo do passado;
  - a utilização e divulgação pública de narrativas históricas das histórias locais.
- (PARANÁ, 2008, p.71).

Levantar aspectos da História Local torna-se um grande desafio ao historiador, pois as dificuldades de encontrar fontes confiáveis, bem como a de lidar com aquelas que somente enaltecem a figura das grandes personalidades locais, geram o risco de o historiador somente reproduzir uma História Local que somente valoriza os grandes personagens locais, daí a importância de lidar com diferentes fontes para a realização desse estudo. Outra dificuldade encontrada pelo historiador que se compromete com esse estudo, é a falta de material bibliográfico que aborde a temática local, principalmente em cidades que se constituíram a partir da segunda metade do século XX.

Na cidade de Pérola, encontramos "o livro Pequenas Pérolas" (2013), idealizado pela professora Deolinda Buosi, que retrata as tradições populares do município e alguns poucos aspectos a criação da cidade. No capítulo introdutório é reproduzida a história da cidade tal como aparece no site da Prefeitura Municipal. Também encontramos dados sobre a formação histórica da cidade no jornal local, Folha de Pérola, que em sua edição 08 de agosto de 2010 traz em sua capa: A História de Pérola "Cidade Jóia" contada em dois capítulos.



**Figura 4:** Mapa da cidade de Pérola - Pr.

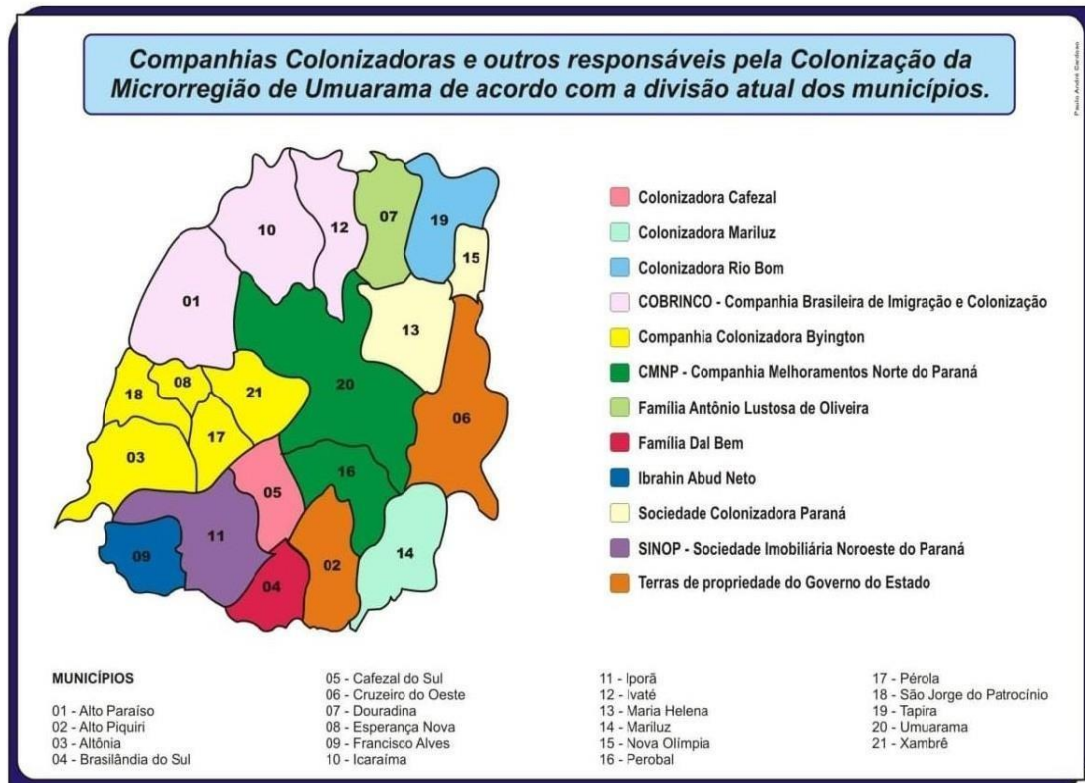


**Fonte:** [https://fr.wikipedia.org/wiki/Pérola\\_\(Paraná\)](https://fr.wikipedia.org/wiki/Pérola_(Paraná)) Acesso em: 10/10/2017

A cidade de Pérola localiza-se em uma área de 240,635 km<sup>2</sup> (CENSO DEMOGRÁFICO, 2010), na mesorregião Noroeste do Estado do Paraná, microrregião de Umuarama, com distância da sede municipal à capital de 617,88 km. A criação do município de Pérola remonta a década de 1950, contexto em que o Brasil vivia o auge da economia agroexportadora do café. Nesse momento houve um avanço das lavouras cafeeiras para o noroeste do Paraná, fazendo com que vários núcleos urbanos se configurem entre eles as cidades de Cianorte e Umuarama, principais polos ao entorno da cidade de Pérola.

Ambas as cidades que surgem nesse contexto possuem em comum, além da expansão das lavouras cafeeiras como base de sua formação socioeconômica, o fato de serem fruto do processo de colonização com base no sistema capitalista privado. (FABRINI, 2015). Nesse contexto buscando romper com o "vazio demográfico" vivido pela região noroeste do Paraná, bem como para atender aos interesses do capital imobiliário especulativo, os governadores Moisés Lupion (1947-1951/ 1956-1961) e Bento Munhoz da Rocha (1951-1955) passaram a terceirizar todo o processo de colonização dessa área para as chamadas Companhias Colonizadoras: a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP) foi a responsável pela fundação da cidade de Umuarama, a Companhia Byington & Cia foi responsável pela fundação da cidade de Xambrê, Pérola, Altônia, São Jorge e Esperança Nova, dentre outras, a Colonizadora Cafezal, Colonizadora Mariluz, Companhia Brasileira de Imigração e Colonização (COBRINCO) e, a Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná (SINOP).

**Figura 5:** Mapa da colonização da microrregião de Umuarama e as Companhias Colonizadoras



**Fonte:** Cardoso, Cássia Regina de Soares, disponível em:

[http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes\\_pde/artigo\\_cassia\\_regina\\_soares\\_cardoso.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_cassia_regina_soares_cardoso.pdf)

Os interesses do governo paranaense não estavam na economia cafeeira, mas nas promissoras fontes de rendas decorrentes das transações imobiliárias e nos tributos. (ENDLICH apud FABRINI, 2015, p.73).

Segundo o Jornal Folha de Pérola em sua edição 8 de agosto de 2010, a Companhia Colonizadora Byington, empresa com sede em São Paulo, foi a empresa que iniciou o processo de colonização da região por volta de 1952. Empresa fundada por Alberto Jackson Byington, foi responsável pela colonização da região de Xambê, Pérola, São Jorge do Patrocínio, Esperança Nova e Altônia gerenciada por Paulo Egydio Martins, genro do fundador, e mentor do projeto "Aventuras do Paraná", nome dado ao processo de colonização dessas terras.

A Companhia Byington é de origem norte-americana. Seus fundadores migraram para o Brasil e iniciaram as atividades no Estado de São Paulo, atuando no ramo de eletricidade. Após o período no Rio de Janeiro, foram para Campinas, quando os empreendedores começam a realizar as primeiras atividades no fornecimento de energia, criando pequenas hidrelétricas. (FABRINI, 2015, p.79).

**Figura 5:** Sr. Alberto Byington

**Fonte:** Arquivo pessoal de Clarice Galvarros Pizarro, 2017

O processo de privatização da colonização dessas áreas deu-se por meio da concessão de terras a empresa, como pagamento pela construção da estrada férrea que ligaria Apucarana a Ponta Grossa, com o objetivo de escoar a produção agroexportadora até o Porto de Paranaguá.

Devido as circunstâncias econômicas do Paraná, as autoridades governamentais apontavam que, no momento, o Estado encontrava-se em dificuldades para efetuar o pagamento dos serviços realizados pela Companhia Byington, na execução da obra [...] Diante das dificuldades apresentadas, os responsáveis da empresa propuseram para as autoridades estaduais emitir bônus, conforme explica Martins (2007). E já que o estado não tinha possibilidade de pagar por aquela obra em dinheiro, o Dr. Byington criou uma forma de o estado emitir bônus, que dariam 10% de desconto a quem os usasse para comprar terras devolutas. Como o volume de dinheiro era muito grande, ele recebeu muitos desses bônus e ficou, em nome dele, pessoa física, com os tais 75mil alqueires de terras. Quem começou a abertura desses 75mil alqueires fui eu. Na verdade, fui desenvolver um ativo da firma, que estava preocupada em pagar a dívida com o Banco do Brasil (MARTINS, 2007. p. 114-115). (FABRINI, 2015, p.79)

Sobre o processo de aquisição dessas terras é apresentado por Silva (1987) e Steca (2002). “Esse tipo de acerto chegou a ser adotado a nível estadual, em 1948, quando o governador Moysés Lupion pagou as obras iniciais da Estrada de Ferro Central do Paraná com terras da região de Umuarama, onde a Byington, de São Paulo, desenvolveu a colonização de Pérola, Xambrê, Altônia e outros” (SILVA, 1987, p. 54). Foi durante o ano de 1951 que surgiram os primeiros documentos de transcrição de terras envolvendo a empresa. (FABRINI, 2014, p.67).

No total foram concedidos à Companhia, um total de 9 lotes que somavam 135.949.59 hectares de terras que geraram as cidades de Xambrê, sede do processo colonizador, e os futuros



municípios Pérola, Altônia, São Jorge e Esperança Nova.

O projeto "Aventuras do Paraná", em grande parte, obteve sucesso devido principalmente as intensas propagandas que a empresa realizava no processo de vendas das terras, num contexto de concorrência, visto que várias empresas se faziam presentes no Noroeste do Paraná. Nessas propagandas, as terras da região seriam vistas como geradoras de enriquecimento, principalmente devido ao seu potencial fértil para o plantio de café, bem como os ganhos comerciais que esse novo núcleo proporcionaria aos interessados em lançarem-se nesse empreendimento colonizador. Segundo Fabrini, na letra da música *Xambrê*, da dupla Serrinha e Caboclinho, integrantes da gravadora Continental, que pertencia à Byington, os autores apontavam aspectos da cidade de Xambrê, que resumia todo o potencial dessa área empreendedora.

Quando eu cheguei lá pras bandas de Xambrê vinha de longe e comigo a esperança e uma terra dadivosa eu encontrei neste recanto de fartura e bonança. Rasgando solo e cavando eu vivia, e nas sementes eu lançava minha fé, cheguei a ver lá então um certo dia, surgir da terra o milagre do café. Minha Xambrê, rica terra de Xambrê, todo café que sua terra hoje nos dá tudo me diz com certeza que você será orgulho deste grande Paraná. Minha Xambrê rica terra de Xambrê, todo café que sua terra hoje nos dá, tudo me diz com certeza que você será orgulho desse grande Paraná. (SERRINHA E CABLOCLINHO, 1954 apud FABRINI, 2014).

Em meio a essa corrida pela colonização do novo empreendimento da empresa Byington, foram utilizados revistas e panfletos que eram distribuídos em diversos locais do Brasil. Neles observamos a utilização da palavra progresso, repetidamente, afim de mostrar para os interessados que a compra de terras nessa área poderia proporcionar o enriquecimento fácil "onde há tudo para fazer de você um homem rico!". Outro discurso utilizado era o da comparação com os progressos iniciados nas cidades de Maringá, Londrina e Apucarana, cidades que, naquele momento, tornavam-se polos da produção cafeeira.

No discurso a empresa destacava que a cidade de Pérola foi projetada para tornar-se metrópole-rival da cidade de Maringá, em termos de desenvolvimento sócio-econômico, fato que não ocorreu. A seguir trazemos as capas dessas revistas, que como fonte histórica poderão tornar-se material de pesquisas futuras sobre os discursos das empresas colonizadoras na microrregião de Umuarama.



criados pela Companhia Byington: Lotes urbanos: 40% de entrada, primeiro ano 30% e no segundo e nos últimos anos 30%. Lotes rurais: entrada de 30%, no primeiro ano mais 10%, no segundo ano 20%, no terceiro ano 20%, e no quarto ano os últimos 20%, no discurso da revista acima citada vemos o enaltecimento dos bons preços, onde segundo a empresa colonizadora, posterior a entrada, o restante a própria produção ajuda a pagar, dado a fertilidade das terras, onde era "só chegar, derrubar, plantar e colher dinheiro".

A colonização privada passou a ser então, a solução para evitar a ocupação desordenada e ilegal. A colonização privada permitia o acesso a terra aqueles que não dispunham de grandes riquezas. Os prazos de pagamento dos lotes rurais ou urbanos era um dos atrativos. As colonizadoras proporcionavam uma infra-estrutura básica, com estradas de acesso, instalação de serrarias, motores geradores de energia, transporte aéreo, entre outras. Estes "atrativos" pareciam, nas propagandas, afirmar que uma vida de qualidade estava à espera daqueles que tivessem a coragem de deslocar-se para uma região em início de colonização e enfrentar o trabalho de transformar a mata em campos produtivos e inseridos no sistema econômico do capital. (CARDOSO, 2007, p.12).

O processo de colonização realizado pela Companhia Byington deu-se por meio da utilização da mão de obra assalariada indígena paraguaia. Esses indivíduos chegavam a essa região noroeste do Paraná pelo porto Byington, localizado na barranca do Rio Paraná, atual município de Altônia e avançaram até a área que compreende a cidade de Xambrê. Algumas lacunas nesse estudo ficam em abertas, o que poderão gerar futuras pesquisas sobre a temática: porque o processo colonizador não começou as margens do Porto? Estudos iniciais apontam que existiram duas frentes colonizadoras, uma que ocorreu a partir do Rio Xambrê, e outra que partiu da barranca do rio, tendo como ponto de encontro a localidade de Pérola. Outras questões que ficam em aberto nas pesquisas iniciais são: Por que optaram por paraguaios? Esses paraguaios permaneceram na região? Essas relações de trabalho eram totalmente assalariadas? E os demais indivíduos que habitavam essa região como posseiros, indígenas e grileiros?

O processo de abertura dessas terras ocorreu com o uso de mão de obra indígena, porém, os trabalhadores contratados para realizarem as atividades vinham do Paraguai, passando por Sete Quedas até chegarem ao Porto Byington. Eram de terras estrangeiras que chegavam excelentes construtores de pontes de madeira. "Todo o pessoal que contratei eram índios paraguaios que vinham do Paraguai por Sete Quedas, andando" (MARTINS, 2007, p. 115 apud FABRINI, 2014, p.74)

Nos documentos da empresa colonizadora, bem como nas propagandas realizadas, esses personagens não aparecem, enaltecendo o papel de suprir o vazio realizado pela companhia. Essa ideia de vazio demográfico esteve presente em todos os discursos colonizadores: "A

notícia da presença indígena na região poderia afastar os compradores. Não raro eram então “abafadas” pelas autoridades e pelas colonizadoras que tratavam de “limpar” a região”. (CARDOSO, 2007, p.9).

A ideia de vazío demográfico remete ao processo de retirada da presença indígena das terras paranaenses. Para Mota, essa ideia de vazío, que gerou da necessidade de ocupação se fez presente na história oficial ditada pelas companhias colonizadoras, nas falas governamentais, bem como nos discursos intelectuais principalmente na primeira metade do século XX. (MOTA, 1993). Tal ideia (é uma presença constante nos trabalhos acadêmicos sobre a sociedade paranaense, aparecendo ora como terras devolutas, ora como sertão desabitado, ou outras variadas formas de expressão. MOTA, 1993, p. 9).

Tais discursos legitimaram, ao longo do tempo, a necessidade política de colaborar com o processo de ocupação dessas terras, ““o sertão esquecido”, as terras devolutas, a região abandonada são a expressão de uma ideologia que constrói espaços desabitados e apagam da história as populações indígenas, caboclos e os pequenos posseiros”. (MOTA, 1993, p. 48). Pensando essa realidade a partir dos discursos realizados pelas companhias colonizadora, Fabrini aponta que esses discursos visaram construir uma ideologia de manutenção do discurso de civilização vencedora, ocultando a realidade dos conflitos estabelecidos durante o processo de reocupação do território paranaense. (FABRINI, 2014).

Ao utilizar o conceito de (re)ocupação, Fabrini constata a presença de vários indivíduos que já ocupavam o território colonizado pela companhia Byington, que desaparecem dos discursos oficiais, reafirmando a tese de Cardoso (2007) de que houve um processo de limpeza no Noroeste do Paraná, daí a necessidade de uma pesquisa futura que retrate como se deu esse processo.

Essa mesma ideia foi propagada em todas as regiões re(colonizadas) durante as décadas de 1950- 1960, caracterizados por violência e exclusão. Os processos sociais foram silenciados, na medida em que expressavam o sentido da (re)ocupação e os objetivos da ação do capital na busca de novas terras. (TOMAZI, 1997, p.6).

A reocupação de um território é uma forma de nos referirmos nesse trabalho a um segundo momento da ocupação. Isso porque, entendemos que estavam presentes povos indígenas, posseiros, pequenos proprietários e outros habitantes que não vieram a partir dos empreendimentos capitalistas decorrente do estímulo do governo do Estado do Paraná. (FABRINI, 2016, p.89)

A ideia de re(ocupação) territorial, utilizada por Fabrini, já era utilizada por Tomazi, em 1997:

Inicialmente faço a distinção entre OCUPAÇÃO - o longo caminho percorrido por povos que ocuparam a região, hoje situada ao norte do estado do Paraná, desde há milhares de anos e que utilizavam todo este território como espaço para o desenvolvimento de suas sociedades - e (RE)OCUPAÇÃO - como o processo que se desenvolveu a partir de meados do século XIX, com a preocupação de integrar estas terras, consideradas "vazias", ao processo de valorização do capital ou ao processo de desenvolvimento do capitalismo no Brasil. (TOMAZI, 1997, p.10)

No processo de re(ocupação) dessa área, a presença de imigrantes tornou-se muito presente, visto que a compra dessas terras para o plantio do café poderia proporcionar a ascensão social. No município de Pérola, a presença japonesa se fez presente inclusive na compra do primeiro lote urbano. Segundo o Jornal Folha de Pérola (2010):

Em 1955 época que nossa região pertencia ao território de Cruzeiro do Oeste, apontaram em Pérola os primeiros colonizadores e, assim foi realizado o primeiro contrato de venda de terras em 04 de Abril de 1955, referente ao lote número 36 da gleba Palmital com 10.00 alqueires paulistas ao Sr. Kazuo Kamei (in memorian). A partir daí as ocupações de terras foram tão rápidas que Pérola chegava a receber por volta de 25 mudanças por dia, vindas de diversos lugares do Brasil. (FOLHA DE PÉROLA, 2010)

Na análise demográfica dos túmulos do Cemitério Municipal de Pérola percebemos a presença de vários imigrantes japoneses na cidade desde sua origem. Apesar de pouco presentes, na atualidade, vários foram os descendentes de japoneses que migraram para Pérola no contexto das décadas de 1960 a 1980, em grande parte incentivados pelos japoneses que já viviam nessa localidade e que, a partir da publicidade realizada pela companhia Byington, aventuraram-se na busca pela ascensão econômica proporcionada pela expansão da cafeicultura numa terra próspera.

Provenientes principalmente do Estado de São Paulo, a maioria dos imigrantes japoneses fixou-se, principalmente, nas cidades de Londrina, vista como o "Eldorado cafeeiro" na década de 1930 e Maringá, fundada em 1947, em virtude de essas novas localidades proporcionarem a possibilidade da compra de lotes de terras para o plantio e colheita do café. Com a queda da cafeicultura paulista, a expansão da cafeicultura para o Noroeste do Paraná e a colonização privada da microrregião de Umuarama muito imigrantes japoneses oriundos do Norte do Paraná, bem como do interior de São Paulo passaram a ocupar as terras colonizadas pela iniciativa privada no contexto da década de 1950 e 1960.

**Figura 9:** Túmulo de Kazuo Kamei



**Fonte:** Arquivo pessoal (02/07/2017)

Além da presença dos imigrantes japoneses, outros grupos de imigrantes, como portugueses, italianos e ucranianos passaram a ocupar o território de Pérola. Também grupos vindos dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, como também dos estados do Nordeste. No site oficial da Prefeitura Municipal, no *link* história, podemos identificar o discurso colonizador de prosperidade que atraía grupos de todas as localidades do Brasil

Não decorreram muitos meses, para que a gente pudesse entrever, ao longo das estradas secundárias e trilhas, as clareiras que se formavam com a derrubada dos pioneiros, a amplitude luminosa de seus horizontes históricos. Antevia-se o futuro de terras, pujante em suas culturas e riquíssima em sua potencialidade. Em meados de junho de 1957, a Cia Colonizadora estudava o projeto da fundação da cidade de Pérola. A influência de gente era grande. Eles iam chegando de todos os cantos do Brasil, gente nova, esperançosa, abrindo novos caminhos, construindo casas, cultivando a terra e desta retirando as benesses prometidas pelo Criador. (PÉROLA, 1966).

Com a abertura das estradas e o início da formação do núcleo populacional de Pérola, criou-se então, distrito de Pérola, lei estadual nº200, de 05/10/1961, nesse momento então Pérola pertencia a Xambrê, sede da empresa Byington. Ambas localidades inicialmente pertenceram ao município de Peabiru, e posterior a Cruzeiro do Oeste, até Xambrê tornar-se município em 1960.

O nome Pérola foi escolhido em homenagem a esposa do presidente da empresa Byington, a senhora Pérola Ellis Byington, porém, importante salientarmos que a memória da cidade não vincula como homenagem a senhora Byington, mas com o sentido de uma pedra

preciosa valiosa produzida pelas ostras<sup>13</sup>, como podemos observar no logotipo utilizado pelo atual prefeito da cidade Darlan Scalco (mandato 2012-2020).

Figura 10: Senhora Pérola Ellis Byington



Fonte: <http://www.memoriall.com.br/0128A#.Wi53eFWnHIU> Acesso em 05/10/2017

O desmembramento de Xambrê e o estabelecimento do município de Pérola somente ocorreu em 14/09/1966 com a lei estadual nº 5395, sendo o atual município de Esperança Nova considerado seu distrito. Segundo o site da Prefeitura Municipal:

Em divisão territorial datada de 31-XII-1968, o município é constituído do distrito sede. Pela lei estadual nº 5903, de 03-01-1969, é criado o distrito de Boa Esperança anexado ao município de Pérola. Em divisão territorial datada de 31-XII-1971, o município é constituído de 2 distritos: Pérola e Boa Esperança. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1993. Pela lei estadual n.º 11259, de 21-12-1995, desmembra do município de Pérola o distrito de Boa Esperança. Elevado à categoria de município com a denominação de Esperança Nova. Em divisão territorial datada de 1999, o município é constituído do distrito sede. (PÉROLA, 2017)

<sup>13</sup> Os registros mais antigos que mencionam as pérolas são de 2 mil A.C. O nome pérola vem dos romanos, do latim “pirla”, que é o diminutivo de pira, que significa “formato de lágrima”. Para os romanos, assim como para muitos povos ao redor do mundo, a pérola é um símbolo do amor. Durante a Idade Média, vários países europeus proibiam o uso de pérolas por pessoas comuns, reservando-as apenas à aristocracia. Somente após a Revolução Francesa as pérolas se popularizaram e passaram a ser frequentes em noivados e casamentos de pessoas comuns. Hoje em dia menos de 3% da produção mundial são de pérolas naturais. O biólogo sueco Carl von Linné foi o pioneiro na criação de uma pérola artificial, em 1761. Mas apenas no começo do século 20 o japonês Kokichi Mikimoto difundiu o método atual. Hoje são introduzidas sementes de diversas origens no molusco para a formação do nácar, que dá origem à pérola. Fonte: <http://www.dalitzjoalheiros.com.br/sem-categoria/perola-e-sua-historia-como-joia-2/>, acesso em 30/06/2018.

**Figura 11:** Logotipo político de Pérola



**Fonte:** <http://www.hertzpropaganda.com.br/hertz-conquista-a-conta-de-perola/>. Acesso em 30/06/2018.

Pertencente ao Município de Xambrê, os moradores de Pérola que vinham a óbito, eram enterrados no município sede, visto que a construção do Cemitério Municipal de Pérola ocorreu somente na década de 1960. Dados estimados pela prefeitura apontam que já passaram pelo Cemitério Municipal cerca de 10 mil mortos, sendo que os registros da Prefeitura Municipal apontam que, de 22/01/1969, data do primeiro registro, a dezembro de 2017, foram enterrados 3.932 adultos e 1.788 crianças. Nos registros da Prefeitura municipal, Luiz Carlos Gatuzzo que veio a óbito com 1 ano e 6 meses de idade, foi o primeiro registrado a ser enterrado no cemitério. Importante salientar que os enterros no cemitério antecedem os registros dos livros mortuários encontrados na Prefeitura, visto que, os registros encontram-se em Xambrê. O primeiro coveiro a trabalhar no Cemitério Municipal foi Sebastião Ferreira Dinis

Dados exatos sobre a área de abrangência do cemitério ainda está em estudo, visto que a pedido do IAPAR (Instituto Agrônomo do Paraná), o município deverá fazer nos próximos meses um mapeamento da localidade, tendo de dividir as quadras, bem como renumerar os túmulos, pois esse controle não foi feito. Outro pedido da IAPAR é a análise do solo da parte velha do cemitério, visto que, os mortos eram enterrados diretamente na terra, gerando com o passar do tempo o necrochorume advindo da decomposição dos corpos.



**Figura 12:** Recorte da Planta de Pérola, 1959.



**Fonte:** Arquivo pessoal de Flávio Fabrini, 2017.

A entrada do cemitério se dá pela na quadra 74 (projeto inicial), como podemos observar na figura acima. A estruturação cemiterial ocorreu a partir do ponto central, o Cruzeiro. Partindo desse ponto, foram traçadas quatro quadras, sendo os túmulos ocupados à partir da quadra esquerda do portão de entrada, segundo conversa informal com o coveiro local (em 03/03/2017), "as covas eram 7 palmos e hoje é 60cm de sepultura". Hoje essa prática é proibida por lei, visto os riscos de contaminação do solo e do lençol freático.

No Brasil, tornou-se muito comum a implantação dos cemitérios em terrenos íngremes, longe dos centros urbanos, em áreas de baixo valor imobiliário ou com condições geológicas inadequadas. O Cemitério Municipal de Pérola foi projetado para ocupar uma área íngreme e afastada do centro da cidade, porém, com o passar do tempo e a expansão da malha urbana o cemitério acabou sendo incorporado ao espaço urbano.

**Figura 6:** Entrada do Cemitério Municipal de Pérola no Dia de Finados



**Fonte:** Roberto dos Santos Viana (02/11/2017)

Na porção mais baixa do cemitério, optou-se por incluir um local destinado as crianças inicialmente, "lugar dos anjinhos" que nasceram mortos ou morreram nos primeiros anos de vida, pois, nesse contexto a mortalidade infantil da cidade era muito alta como consta nos registros mortuários da prefeitura municipal. Atualmente, muitos dos mortos dessa área foram retirados do cemitério, ou incluídos junto a outros familiares em quadras nas áreas mais novas, fazendo com que esse espaço antigo fique à margem das visitas comuns no cemitério, mesmo quando o cemitério recebe muitas visitas, bem como à margem dos cuidados da administração pública como pode ser visto claramente no dia a dia do cemitério municipal.

**Figura 14:** Parte antiga do Cemitério Municipal de Pérola (1).



**Fonte:** Fonte: Roberto dos Santos Viana (05/09/2017)

Observando os túmulos dessa porção mais antiga do cemitério percebemos a falta de cuidado com os mesmos. Em grande parte esse fato se explique por muitos desses túmulo serem de pessoas que nasceram e (ou) morreram na década de 1960, e seus familiares (normalmente os pais) que são responsáveis pelos cuidados com os túmulos já serem idosos, ou mesmo já se encontrarem mortos, outro motivo é o fato de muitos desses familiares já terem se mudado da cidade de Pérola.

**Figura 7:** Parte antiga do Cemitério Municipal de Pérola (2).



**Fonte:** Roberto dos Santos Viana (05/09/2017)

Nas proximidades do portão central encontramos diversos túmulos antigos em formato de capela, muitos deles retratando o então formato da Igreja Matriz desse período. A ideia de construir túmulos no formato de Igreja remeteria a necessidade de colocar o morto em um espaço sacralizado, bem como remonta o costume de enterrar os mortos nos espaços da igreja. Nessa área, a maioria dos túmulos são da década de 1960 e encontram-se abandonados, muitos sem a placa de identificação.

**Figura 8:** Túmulo sem identificação, arquitetura tumular no formato de Igreja



**Fonte:** Roberto dos Santos Viana (05/09/2017)

**Figura 9:** Parte nova do Cemitério.



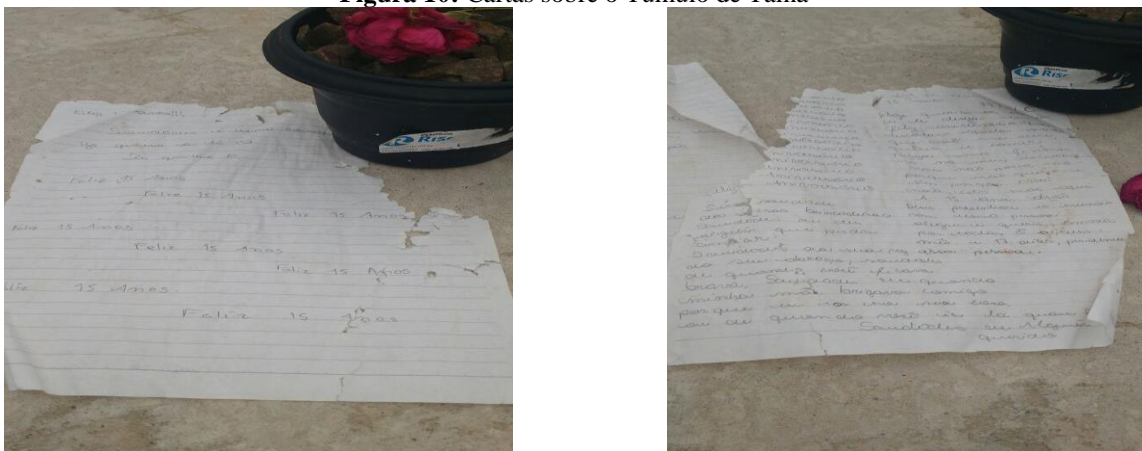
**Fonte:** Roberto dos Santos Viana (05/09/2017)

A porção mais alta do cemitério é a mais recente. Nessa área, os túmulos são bem preservados datados a partir do ano 2000, como podemos observar nas placas de identificação e nos registros mortuários da Prefeitura municipal. Nesse novo local o túmulo da adolescente

Thayná, é um dos mais visitados<sup>14</sup>.

O túmulo de Thayná, segundo o coveiro "sempre tem velas e flores, e é muito visitado por adolescentes da cidade". Esse túmulo se constitui como um espaço de descanso para o morto, de demonstração de fé pelos vivos, e um espaço de devoção, visto que, o morto adquire devido as condições de sofrimento em que ocorreu sua morte, o status de santo popular. No dia 17/05/2017, encontravam-se na parte superior do túmulo, duas cartas destinadas a adolescente, ambas parabenizando-a pelo seu aniversário e demonstrando a saudade do ente querido (ambas não possuíam assinatura, porém, percebe-se que eram de amigas).

**Figura 10:** Cartas sobre o Túmulo de Tainá



**Fonte:** Roberto dos Santos Viana (17/05/2017)

Outro túmulo muito visitado encontra-se próximo ao portão de entrada, o do jovem Guilherme Cunha<sup>15</sup>. Morto em um trágico acidente na PR - 485 que liga Xambrê a Pérola em dezembro de 2007, essa fatalidade causou uma comoção na cidade visto a perda de um jovem muito popular na cidade. O túmulo encontra-se bem cuidado, sempre com flores novas, colocadas num vaso em formato de bota country, réplica da que Guilherme sempre usava.

A presença de objetos nos túmulos demonstra um aspecto importante a ser destacado no cemitério de Pérola é a busca pela individualidade do morto. Nessa busca esses elementos materiais que são colocados nos túmulos, bem como a própria foto buscam retratar aquilo que o indivíduo era em vida, afim de que sua memória possa continuar a viver entre seus familiares e amigos e sua individualidade não se perca com o tempo.

No local onde o corpo de Guilherme foi encontrado após o acidente a mãe mantém um outdoor com a seguinte inscrição (a mesma do túmulo): "Encontro-me entre as estrelas, no brilho da lua, na luz do sol e na suavidade da chuva. Encontro-me na eternidade com Deus e

<sup>14</sup> Thayná morreu em março de 2017.

<sup>15</sup> A família Cunha é considerada uma das pioneiras da cidade.

nos corações daqueles que amei e souberam me amar".

Observando de forma geral, os túmulos são em sua maioria no formato comum (feitos de mármore, pisos e concreto) e outros feitos em formatos de capelas. Em sua maioria os túmulos possuem a cruz cristã ao lado da foto do defunto, ou no alto da capela. Outras imagens que se encontram nos túmulos são de anjos e santos, lua e estrela. Alguns túmulos não possuem imagens, fato que demonstra pessoas adeptas as religiões protestantes.

**Figura 11:** Túmulo de Guilherme Cunha



**Fonte:** Roberto dos Santos Viana (05/09/2017)

Em sua maioria os túmulos do cemitério encontram-se numerados e alguns com a placa - Perpétuo, que identifica aqueles túmulos que poderão ser passados de geração em geração, visto que já foram comprados da prefeitura. Segundo dados colhidos na Prefeitura Municipal, após o enterro, a família do indivíduo tem o prazo de 7 anos para pagar o terreno que têm o valor de 170,00 reais (carneiro simples - 1 gaveta), e/ou 360,00 reais (carneiro duplo - 2 gavetas), após esse prazo os restos mortais seguem para o ossário, que se encontra no fundo do cemitério.

Como o Pérola possui somente um cemitério, torna-se local onde a devoção de católicos, evangélicos e demais vertentes religiosas compartilham e sacralizam o espaço cemiterial. Um exemplo dessa diversidade religiosa são alguns túmulos no qual os indivíduos não colocam foto para representação dos mortos (Figura20). Essa prática é comum em religiões evangélicas, e no judaísmo ortodoxo.

**Figura 12:** Túmulo sem a representação do morto



**Fonte:** Roberto dos Santos Viana (05/09/2017)

Também encontramos no cemitério de Pérola, túmulos com epitáfios que remetem ao espiritismo, " a vontade de Deus nunca irá levá-lo aonde a graça de Deus não possa protegê-lo" - Chico Xavier (Figura 21).

**Figura 13:** Túmulo com epitáfio espírita



**Fonte:** Roberto dos Santos Viana (05/02/2018)

O cemitério é da administração pública, vinculado à secretaria de Urbanismo, Obras e Serviços Públicos, e como acontece em todos os cemitérios, nesse local estão presentes os serviços privados. Segundo conversa informal com os moradores da cidade, os serviços funerários foram iniciados por uma moradora da cidade, a senhora Helena que era proprietária da funerária. Além de fornecer os caixões para os túmulos, ela prestava serviços como o traslado dos caixões, o processo de enterro e até mesmo a construção das estruturas tumulares básicas. Atualmente encontramos diversas empresas que atuam no ramo funerário a morte tornando-se

objeto de comércio.



#### 4. O ENSINO DE HISTÓRIA E O USO DE IMAGENS: METODOLOGIA DE ANÁLISE

Intentamos expor nesse capítulo a metodologia de análise sobre a qual o uso de imagens cimiteriais tornou-se um suporte didático para o estudo da memória da cidade de Pérola. Em nosso trabalho as fontes são as fotografias dos túmulos existentes no Cemitério Municipal e propomos um roteiro de análise da imagem a ser utilizada pelo professor em sua prática docente.

A problemática dessa pesquisa se constrói a partir do questionamento feito ao nos remetermos ao tema de pesquisa dessa dissertação a saber, o uso do cemitério como fonte histórica. Como podemos usar o cemitério para estudar História? O Cemitério aqui é entendido como espaço de memória, local de práticas culturais ou representações que demonstram o modo como uma determinada sociedade se organiza para vivenciar sagrado. A pesquisa no Cemitério Municipal de Pérola deu-se a partir de uma divisão geográfica da planta inicial do espaço de colonização em 1959, bem como nas imagens de satélites atuais disponíveis no Google Earth e ambas deram margem para a elaboração de uma planta baixa do cemitério, como visto na figura 22.

**Figura 22:** Planta do Cemitério Municipal de Pérola



**Fonte:** Aline Callegari & Roberto Viana (2018)

Contando com a colaboração da engenheira civil Aline Callegari, estabelecemos uma divisão do cemitério em quadras seguindo a organização dada pela própria instituição com o intuito de facilitar a pesquisa, uma vez que a Prefeitura Municipal não possui uma planta baixa do lote cemiterial bem como não possui uma divisão organizada das quadras e ruas, fato que dificultou a realização da pesquisa inicialmente. Essa situação foi contornada quando decidimos, por meio das ferramentas virtuais citadas, do conhecimento em engenharia da colega Aline Callegari e de nossas visitas ao cemitério elaborar o desenho de uma planta baixa para melhor definir nossa área de trabalho.

A planta de locação proposta nessa dissertação organiza-se em quadras que vão desde a quadra um até a quadra quatorze, sendo as quadras um, dois, oito e nove a parte inicial do Cemitério e, as quadras seis, sete e treze a áreas tumulares recentes, enquanto que a quadra quatorze até a data dessa pesquisa encontrava-se sem túmulos. Também dividimos a planta em ruas denominadas pelas letras A, B, C, D, E, F e G, sendo que na rua C encontra-se o principal portão de acesso rumo ao cruzeiro enquanto que na rua A temos o ponto principal que cruza o cemitério a partir do Cruzeiro como se constata na imagem 22.

Para darmos início a pesquisa de campo que ajudaria na execução da planta baixa foi necessário tomarmos como ponto de partida imagens de satélites acerca do Município de Pérola e seu cemitério. A figura 23, observada a partir da ferramenta geográfica virtual Google Earth, possibilitou uma visão geral do terreno, as possíveis separações que se estabeleceram nas quadras e ruas, bem como a análise de todo o espaço urbano no entorno do Cemitério.

**Figura 14:** Cemitério Municipal de Pérola e seus arredores.



**Fonte:** <https://earth.google.com/web/search/cemiterio+municipal+de+perola+parana/@-23.80371002,-53.69505916,428.1386306a,548.91823779d,35y,0.00000121h,0t,0r/data=CigiJgokCaMWypvAsTVAEaMWypvAsTXAGQNC-7NN4kFAIYq5BBzZBVHA>. Acesso (03/03/2018)

Salientamos que em seu projeto inicial, o Cemitério Municipal foi projetado para ser estabelecido num local afastado do centro, porém, percebemos na imagem que atualmente diversos lotes urbanos se abriram em seu entorno como pode ser observado na figura 24.

**Figura 24:** Localização do Cemitério Municipal em relação à Prefeitura Municipal.



**Fonte:** <https://earth.google.com/web/search/cemiterio+municipal+de+perola+parana/@-23.80371002,-53.69505916,428.1386306a,548.91823779d,35y,0.00000121h,0t,0r/data=CigiJgokCaMWypvAsTVAEaMWypvAsTXAGQnc-7NN4kFAIYq5BBzZBVHA>. Acesso (03/03/2018)

A partir da divisão geográfica e espacial do Cemitério de Pérola, seja por sua localização no município, seja pela divisão interna em ruas e quadras, iniciamos o trabalho de campo, ou seja, a etapa de construção das fontes, do ato de fotografar os túmulos. Ao todo realizamos nove incursões, resultando num acervo de 250 fotografias que privilegiaram cada local fotografado a partir de três ângulos ou perspectivas: uma tomada ampla na qual o túmulo ou outro local registrado aparece no conjunto cemiterial, uma tomada com foco reduzido e uma terceira tomada focando em detalhes presentes nos locais fotografados de forma a evidenciar tanto a cultura material quanto dados dos próprios falecidos.

Alertamos que o ato de fotografar é composto de intencionalidades. Buscamos fotografar os túmulos utilizando um aparelho celular modelo Moto G, de terceira geração e tomando como referência a cultura material presente no Cemitério Municipal, bem como outros vestígios que remetem à memória do morto e ou à história da cidade.

As pesquisas foram realizadas entre os dias 05 de setembro de 2017 e 29 de maio de 2018. Por meio dessas visitas ao Cemitério Municipal de Pérola conseguimos observar e analisar as práticas ritualísticas, assim como executar a construção das fontes sobre as quais a pesquisa está ancorada.

Após fotografarmos os túmulos e outros locais considerados singulares para a pesquisa da memória cemiterial, realizamos uma análise geral das imagens produzidas divididas em cinco grupos distintos: o primeiro voltado para o registro de túmulos antigos, que em sua maioria estão presentes nas quadras um, dois, oito e nove; o segundo foi composto por túmulos novos, cuja recorrência encontra-se na quadras seis, sete e treze; no terceiro grupo estão dispostas fotografias de túmulos denominados “túmulos de meia idade” que são sepulturas de pessoas falecidas entre os anos de 1980 e 2000, localizados nas quadras três, quatro, cinco, dez, onze e doze do cemitério. No quarto grupo temos os túmulos de personalidades cuja ocorrência não pode ser definida a partir de quadras específicas uma vez que as sepulturas se encontram em diferentes locais do cemitério e, por fim, no quinto grupo os espaços coletivos como o Cruzeiro e a entrada do campo-santo, ou cemitério.

Tomando essas fotografias como sendo imagens construídas historicamente e culturalmente, entendemos que elas são capazes de construir o conhecimento acerca das ações do homem no tempo e no espaço. Porém salientamos que nenhum documento fala por si próprio sendo trabalho do pesquisador questionar os documentos visto que, segundo Bloch (2002), a verdade não está nos documentos, mas, nas perguntas que o historiador coloca, é ele quem atribui significado ao documento que são apenas vestígios; a ele cabe o papel de problematizador. Le Goff no prefácio de *Apologia da História* aponta que:

O essencial é enxergar que os documentos e os testemunhos "só falam quando sabemos interrogá-los...; toda investigação histórica supõe, desde seus primeiros passos, que a investigação já tenha uma direção". A oposição aqui é nítida em relação às concepções dos historiadores ditos "positivistas", mas Marc Bloch nesse ponto vai ao encontro de um matemático célebre, Henri Poincaré, que refletira sobre suas práticas científicas e as de seus confrades, demonstrando que toda descoberta científica é produzida a partir de uma hipótese prévia. Poincaré havia publicado *A ciência e a hipótese* em 1902. (LE GOFF apud BLOCH, 2002, p.27).

Para a utilização da fotografia enquanto fonte histórica tomamos como referencial metodológico os textos de Mauad (1996) e Mitsi & Souza (2009), pela especificidade da abordagem das autoras sobre o uso desse material. Em *A fotografia como evidência História - Retrato da família Mitsi* (2009), as professoras Márcia Eléia M. Mitsi e Maria Irene Pellegrino de Oliveira Souza verificaram a possibilidade de utilizar a fotografia de família enquanto

evidência para a produção do conhecimento histórico a partir da organização de fichas de leitura de fotografia, tomando como referência a teoria semiótica de Robert William Ott.

Segundo Mitsi & Souza (2009), Ott (2008) no texto: *Ensinando crítica nos museus*, aponta cinco etapas para a leitura de obras de arte:

1) *descrevendo*: é feito um inventário de tudo que é percebido na obra; 2) *analizando*: é verificado como foi feita a obra de arte percebida; quais os caminhos que o artista seguiu para chegar naquela obra; 3) *interpretando*: onde o leitor da obra de arte se expressa como se sente a respeito da mesma; 4) *fundamentando*: acrescentam-se outros conhecimentos disponíveis sobre a obra de arte, encontrados em outros meios, como publicações, críticas, catálogos; 5) *revelando*: é feita releitura da obra de arte, inspirada na sua apreciação. (MITSU; SOUZA, 2009, p. 569).

Ana Maria Mauad (1996) no texto *Através da imagem: fotografia e história interfaces*, compreende a fotografia como um produto cultural, fruto de um trabalho social que relaciona técnicas e produção, onde para sua análise a autora propõe, a construção de fichas de leituras fotográfica como sendo essenciais para a decomposição e interpretação da imagem.

Mauad (1996) também organiza fichas de análise fotográfica com o objetivo de decompor a imagem, levando em consideração: as funções signicas da imagem; a fotografia enquanto uma escolha feita dentre um conjunto de escolhas possíveis; o seu conteúdo (relação dos elementos da fotografia com o contexto onde se insere) e expressão (opções técnicas e estéticas). Na ficha de elementos da forma de conteúdo Mauad propõe a verificação do local, tema, pessoas e objetos retratados, atributo das pessoas, atributo da paisagem, tempo retratado (dia ou noite). Na ficha de elementos da forma de expressão estão os itens tamanho, formato, e tipo da fotografia, enquadramento (sentido, direção, distribuição de planos, objeto central, arranjo e equilíbrio), nitidez (foco, impressão visual, iluminação), e produtor. (MITSU; SOUZA, 2009, p. 570).

Tomando como referência os dois métodos as autoras propõem um novo roteiro de leitura de fotografias para o qual estabeleceram três etapas sendo estas a descrição, a contextualização histórica e análise material e a interpretação. Na primeira dessas etapas, ou seja, a descritiva as autoras sugerem que sejam anotados os dados concretos sobre a fotografia como sua dimensão, tonalidade, posicionamento, ângulos, iluminação, planos, foco, linhas, enquadramento, conservação. Já na contextualização histórica e análise material os dados coletados correspondem a uma descrição do próprio túmulo e daquelas que lá estejam enterrados.

São os dados sobre o conteúdo específico da fotografia como nominar quem são as pessoas, o local, a época e a ocasião retratada; quem é o fotógrafo; quais objetos interiores, exteriores e pessoais aparecem na imagem; qual o cenário retratado; se os retratados estão posando ou a fotografia é um flagrante e por fim, qual a posição das pessoas na fotografia. Na interpretação, ou seja, terceira etapa da análise as autoras sugerem que sejam feitas as relações

entre as etapas anteriores, analisando a fotografia à luz do seu formato, seu contexto, e sua produção.

Mesmo sendo construído para realização da leitura de álbuns familiares, entendemos que esse roteiro, quando adaptado, poderá servir para o estudo das fotografias tumulares. Foi o que realizamos neste trabalho quando tomando como referência o roteiro de leitura de imagens proposto por Mitsi & Souza (2009), bem como o roteiro proposto por Mauad (1996), buscamos construir um novo roteiro de leitura de imagens destinada ao trabalho com os cemitérios, visto que, concordamos com Mauad (1996, p.14) ao afirmar que em cada novo tipo de fotografia e objeto a ser estudado, o pesquisador vê-se obrigado a atualizar o método de análise e adequá-lo, a atualização do método segundo a autora, é o princípio da receita inicial que vai se transformando com um novo mestre cuca.

A construção desse roteiro destinado a pensar o espaço cemiterial como local de memória e ensino de História ocorreu a partir da pergunta problematizadora deste capítulo que foi: como capturar a história da cidade de Pérola a partir de uma fotografia cemiterial? É pensando nesse questionamento que apresentaremos alguns exemplos nos quais aplicamos o roteiro de leitura de análise de fotografias por nós elaborado. Esse roteiro busca propor um novo objeto de estudo tomando a fotografia como fonte e o cemitério enquanto espaço de memória e ensino de história.

Abaixo temos a Ficha de Análise de Fotografias cemiteriais que está dividida em três etapas: a primeira relativa aos Elementos Descritivos e Concretos da Fotografia seguida pela descrição dos Espaços da Fotografia e, ao final, a Interpretação da fotografia enquanto fonte histórica. (Tabela 1)

A fotografia é um elemento visual muito presente em nosso dia a dia. Devido a esse fato, a imagem fotográfica tende a ser vista historicamente como sendo um retrato fixo de uma realidade, porém, quando o historiador resolve tomar a fotografia como sendo sua fonte histórica, ele necessita estabelecer critérios metodológicos para que não ocorra uma simples leitura/análise da imagem retratada. Principalmente em sala de aula a fotografia sempre foi vista como "retrato do real" e/ou ilustração do fato histórico. É buscando romper com esse paradigma que propomos analisar algumas fotográficas cemiteriais partindo da ideia que a imagem fotográfica não deve ser tomada como ponto final de uma análise e sim como ponto de partida para o resgate e montagem de inúmeras informações acerca da cidade escolhida.

**Tabela 1: Ficha de análise de fotografias cemiteriais**

<b>Elementos descritivos e concretos da fotografia</b>	
Autor	Apontar quem foi o fotógrafo especificando se ele é amador ou profissional.
Data da fotografia (captação)	Dia e hora em que foi praticado o ato fotográfico
Instrumento de captação	Identificar o aparelho de captação (câmera, celular, tablet e etc) da fotografia, apontando marca, modelo e quantidade de pixel
Local retratado	Local geográfico (rua, cidade e local)
Tema da fotografia	A ser definido de acordo com a temática retratada
Túmulo/espço retratado	Apontar a quem pertence o túmulo retratado
Tempo retratado	Período noturno, vespertino ou matutino
Tamanho da fotografia	Apontar o tamanho original da fotografia
Estado de conservação	Descrever o estado de conservação da foto mesmo sendo imagem digital.
Suporte fotográfico	Apontar suporte da fotografia (tipo de papel ou arquivo que ela foi salva)
Sentido da foto	Apontar o sentido (enquadramento) que a fotografia foi tirada, imagem horizontal ou vertical
Direção da fotografia	Direção de onde partiu o enquadramento: esquerda, direita ou central.
Planos retratados	Descrever organização dos elementos no enquadramento
Foco fotográfico	Apontar o foco central dado pelo fotógrafo
Iluminação	Iluminação natural ou com o auxílio de flash ou luzes
Nº da fotografia	Forma de organização e arquivamento da fotografia.
<b>Espaços da fotografia</b>	
Localização do túmulo	Apontar a quadra, lote, rua em que se encontra o túmulo.
Objetos presentes na fotografia	Cultura material presente no túmulo (flores, velas, anjos, terços) e etc.
Mensagem (epitáfio)	Inscrição sobre lápides tumulares ou monumentos funerários. Observar como o/a falecido/a foi representada: há informação de profissão? De organização familiar: pai, mãe, esposa, esposo, filho, etc...
Ano de nascimento do defunto	Ano de nascimento do indivíduo que se encontra no túmulo fotografado
Ano de morte do defunto	Ano de falecimento o indivíduo que se encontra no túmulo fotografado
Material tumular	Apontar o material utilizado para a construção do túmulo (mármore, tijolos, bronze, piso e etc)
Esculturas	Identificar as esculturas presente no túmulo
Foto tumular: posição e descrição	Observar a foto do morto, identificando se a mesma ocorre de forma posando ou flagrante; se o/a falecido/a foi identificada na foto quando era jovem, adulta ou velha (no caso de mortes de pessoas mais idosas); vestimenta, plano de fundo, se há traços de uso de photoshop, etc.
Estado de conservação do túmulo	Descrever o estado de conservação tumular observado.
<b>Interpretação e contextualização</b>	
<p>A interpretação e contextualização da fotografia deve responder a pergunta: como capturar a história da cidade a partir de uma fotografia cemiterial?</p> <p>Nessa etapa são estabelecidas relações entre as etapas anteriores afim de que, a análise da (s) fotografia (s) escolhidas como fonte histórica possam possibilitar a “construção do sentido histórico”. Para isso podem ser analisados aspectos como: religião, economia, sociedade, classe social, dados demográficos, possíveis causa mortis, aspectos arquitetônicos, aspectos artísticos, perfil da sociedade ao longo do tempo, aspectos da "moda" tumular, os diferentes grupos sociais e o processo exclusão e os privilégios e etc.</p>	

Fonte: (MITSU; SOUZA, 2009; MAUAD,1996).

Nos próximos parágrafos apresentaremos alguns dos resultados alcançados com o modelo de análise proposto enquanto que as fichas com a análise completa de cada fotografia, ou seja, o produto resultante da pesquisa foi organizado no formato de Álbum Pedagógico, anexo a esta dissertação.

Com o Álbum Pedagógico, elaboramos um material que seja útil na prática docente da disciplina de História, ou outra área afim. De fácil manuseio e interpretação, a ficha de análise e a metodologia proposta são passíveis de serem colocadas em prática de forma que a pesquisa aqui proposta supere as finalidades de produção de material acadêmico e encontre espaço na prática do fazer histórico presente nas salas de aula.

O acervo fotográfico produzido resultou num total de 250 fotografias como citado anteriormente. Dado o volume de documentos produzidos, apresentaremos somente alguns exemplos sobre a efetividade do trabalho com fotografias cemiteriais. A escolha sobre quais fotografias seriam utilizadas na apresentação procurou seguir a divisão feita anteriormente sobre os tipos de túmulos e espaços cemiteriais coletivos. Enfatizamos que o Álbum Pedagógico traz detalhadamente como cada análise foi realizada.

A seguir temos o resultado das análises de alguns túmulos e espaços coletivos cemiteriais que acredito serem capazes de expressar o sentido da pesquisa com relação tanto ao uso do cemitério como espaço privilegiado para o estudo da História em sala de aula quando compreendido como um local em que as práticas culturais ou representações mostram o modo como uma determinada sociedade se organiza para vivenciar sagrado.

Seguindo a metodologia de construção e análise de fotografias proposta nessa dissertação iniciamos com o trabalho de campo no qual foram feitas as tomadas dos túmulos e espaços coletivos privilegiando fotografias com enquadramentos diversos cujos focos variavam entre quadros mais amplos que permitiam uma visão geral da sepultura/espaço coletivo no cemitério seguidos de quadros em que a redução da escala permitia visualizar o túmulo individualmente e outras tomadas que valorizavam o foco nos detalhes materiais presentes nos jazigos.

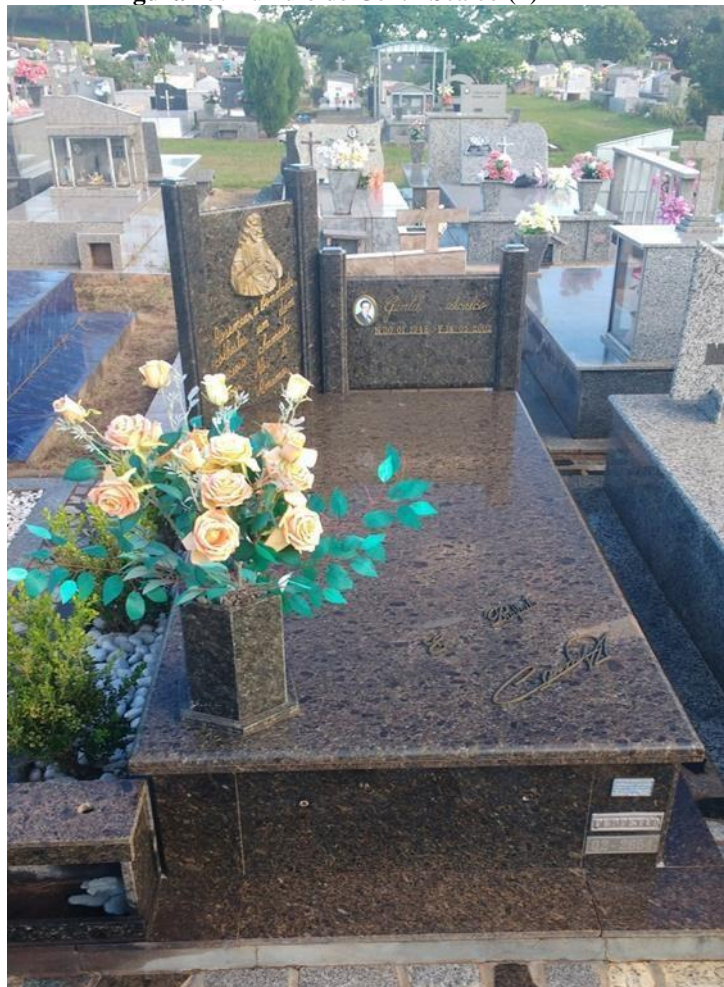
Realizadas as etapas da construção da fonte imagética, o passo seguinte foi aplicar a metodologia de análise das fotografias de acordo com o proposto na Ficha de análise de fotografias cemiteriais (Tabela 1), cujas etapas são a listagem dos elementos descritivos e concretos da fotografia; a observação dos espaços da fotografia e a interpretação e contextualização quando somam-se as informações das três etapas da análise de forma que seus conteúdos, vistos em conjunto, manifestam traços da sociedade perolense ao longo da existência do município.



Dentre as diversas tomadas e análises realizadas, para esta exposição escolhemos quatro espaços dentro do cemitério sendo, o jazigo de personalidades, a sepultura de criança de meados dos anos 1970, o túmulo sem identificação de data ou da pessoa falecida e o Cruzeiro, todos reveladores de traços da cultura material religiosa que costuma se manifestar nos cemitérios assim como também de informações de ordem econômica e de poder no município de Pérola. Como é considerada uma cidade de pequeno porte, a existência de um único cemitério faz com que pessoas de diferentes classes sociais habitem o mesmo espaço. Esse fato permite uma análise clara de como o cemitério pode ser pensado enquanto um espaço de segregação, desigualdade social e relações de poder político-econômico. Como afirma Hipólito a distinção de poder e status social das pessoas vivas se transferem claramente para as sepulturas. (2015, p. 50).

#### 4.1 Túmulos de personalidades

**Figura 25:** Túmulo de Gentil Scalco (1)



Fonte: Roberto dos Santos Viana (05/09/2017)

Na figura 25, encontramos o jazigo onde está sepultado o ex-prefeito Gentil Scalco, nascido em Machado no estado de Minas Gerais em trinta de janeiro de 1948 e morto na cidade de Pérola em dezoito de maio de 2002. Os elementos da cultura material denunciam o poder econômico e político, como a utilização do mármore negro, também são verificados. Scalco foi prefeito da cidade de Pérola em duas gestões, 1983 a 1988 e 1993 a 1996, sendo conhecido por iniciar grandes obras no município, a assinatura oficial do prefeito colocada no túmulo mostra essa característica de seu mandato no executivo municipal. Entre as principais obras iniciados em seu governo podemos citar o asfaltamento de ruas, bem como a construção do hospital municipal.

Na figura 26, o detalhe da identificação de ex-prefeito.

**Figura 26:** Túmulo de Gentil Scalco (2)



Fonte: Roberto dos Santos Viana (05/09/2017)

Como vem sendo apresentado, um dos elementos claros dessa distinção social é o material utilizado no túmulo. Os túmulos feitos com mármore tendem a ser mais caros, que os

túmulos feitos com azulejos que vemos no entorno do túmulo. Dois outros elementos que identificam a classe social de Scalco são a fotografia tumular que apresenta um indivíduo com terno e a assinatura do mesmo reproduzida em bronze nas dimensões (50cm de largura x 12 cm de altura) presente no túmulo é essencial para compreendermos quem é o indivíduo enterrado naquele local, bem como sua importância na construção da memória perolense. A assinatura é sinônimo de identidade do indivíduo, portanto, reproduzi-la sobre o túmulo permite a manutenção da personificação do morto, bem como reforça sua importância na memória social impedindo o esquecimento.

**Figura 27:** Túmulo de Gentil Scalco (3)



Fonte: Roberto dos Santos Viana (05/09/2017)

A religião é outro dos elementos presentes à exaustão nos túmulos e espaços coletivos estudados. Imagens de anjos, santos, velas, vasos, flores, assim como imagens de Nossa Senhora e ou de Jesus Cristo e cruzes denotam a opção religiosa dos mortos como cristã católica enquanto litros de aguardente encontrados no Cruzeiro manifestam o sagrado da religiosidade afro-brasileira.

O Cristianismo se manifesta em vários túmulos do cemitério perolense, porém, apontamos que na vertente cristã, o catolicismo impera sobre as demais instituições religiosas do cemitério, como podemos observar pela grande presença de iconografias de santos e anjos nos túmulos observados e a presença constante de cruzes que além de sacralizar aquele espaço, remetem o mesmo ao aspecto principal da fé cristã, a ressurreição. A presença do Jesus crucificado e a figura de Nossa Senhora é um fator determinante no estabelecimento da religião

do defunto, visto que o uso de imagens é uma prática comum no catolicismo, que entende a imagem como de extrema importância no lembrar do santo, que viveu e (ou) morreu conforme a vontade de Deus, e que serve de "modelo de vida" para seus veneradores. A presença dos anjos também é um elemento essencial para compreensão da religião, visto que, na cultura cristã, o anjo aparece como entidade de mediação entre o mundo terrestre e o plano celestial, são eles que cuidarão da alma da pessoa, garantindo uma boa travessia rumo a ressurreição.

No catolicismo a vela é um elemento essencial nos rituais religiosos. A luz para o cristão é sinal de ressurreição, de vida que se opõe à escuridão que é o símbolo da morte. Além disso, a vela representa o Cristo que se consome na cruz até a morte, para ao ressuscitar levar a esperança da vida eterna a todos os cristãos.

Nessa perspectiva acender uma vela para o morto, simbolicamente significa iluminar o seu caminho rumo à morada eterna. As flores também são um elemento presente no cemitério municipal de Pérola. Historicamente as flores sempre foram usadas nos túmulos e velórios, seja como objeto de decoração, símbolo de vida ou mesmo como meio de perfumar o ambiente. No túmulo do primeiro prefeito, e em outros analisados, a presença de flores em vasos foi compreendida como o proposto por estudiosos para quem flores em vasos têm uma representação subjetiva: enquanto as flores representam a alma os vasos que as acomodam representam o corpo. (CHARRÃO apud HIPÓLITO, 2015, p.69),

Simbolicamente cada flor deixada em um túmulo possui significado diferente, como aponta Hipólito (2015) as rosas são as que possuem mais significado para o cristão, elas representam o sangue de Cristo, o amor divino, ou uma forma de representação da afetividade. No cemitério de Pérola percebemos muita a presença de crisântemos (que representam a relação vida/morte) e a gérbera (que representa a pureza da vida).

No túmulo estudado percebemos a presença de rosas amarelas que provavelmente foram colocadas pelos familiares (Figura 25). Essa cor de rosa se remete ao amor, à familiaridade, amizade e ao respeito para com o morto. Importante salientar que essas rosas não são naturais, devido ao seu baixo tempo de duração. A fotografia existente nos túmulos além de identificarem o morto, tornam-se um instrumento de extrema importância no não esquecimento da fisionomia do indivíduo e sua memória.

No túmulo de Scalco encontramos a imagem do Sagrado Coração de Jesus em bronze. Essa imagem na crença católica remete-se a uma revelação divina, o aparecimento de Jesus a Santa Margarida Maria Alacoque quando estava em adoração aos pés do Santíssimo Sacramento, procurando demonstrar o seu amor pela humanidade. Na crença católica a primeira sexta-feira do mês é dedicada à adoração do Sagrado Coração, portanto nesse dia os seus

devotos direcionam-se as missas, fazem adorações e rezam o terço. Colocar essa imagem no túmulo remete a crença católica da família ou do indivíduo no amor de Cristo e a esperança na ressurreição.

#### 4.2 Túmulos de crianças

A segunda análise fotográfica recaiu sobre a sepultura de uma criança morta aos nove anos de idade no ano de 1970 (Figura 28). A menina Cleusa Santinon e sua morte registrada na lápide tumular permitem compreender detalhes tanto da religiosidade manifestada nos objetos que decoram o túmulo como do universo da mortalidade infantil no município quando entrelaçadas com dados do IBGE por exemplo.

**Figura 28:** Túmulo de Cleusa Santinon (1)



Fonte: Roberto dos Santos Viana (05/01/2018)

Durante as décadas de 1950 até 1990, os índices de mortalidade infantil na cidade de Pérola eram elevados. Segundo dados do Instituto em 1991 o índice de mortalidade infantil chegava a 29,46 ‰, caindo nas décadas posteriores, 26,3 ‰ (2000) e 15,20 ‰ (2010). O elevado índice de mortalidade infantil em Pérola que pode ser comprovado pela análise dos livros mortuários que se encontram na Prefeitura Municipal e nos cartórios locais, bem como pelo elevado número de túmulos infantis no cemitério municipal.

Durante os primeiros anos da cidade de Pérola, as crianças tinham um espaço próprio para serem enterradas e suas memórias cultuadas. Esse espaço compreende principalmente as quadras 1 e 8 ao fundo do cemitério, onde nelas podemos observar vários túmulos sob formas de berços, em formatos menores, bem como nas cores correspondentes ao sexo da criança. Porém salientamos que esse espaço se perdeu com o passar do tempo, e hoje as crianças são sepultadas em vários pontos do cemitério em decorrência principalmente do aumento da população da cidade.

Ao estudarmos a história da criança percebemos que ela não teve grande importância para muitas sociedades antigas, por isso pouco se conhece acerca das práticas funerárias de crianças na história, pois as mortes de crianças eram algo inevitável. Até parte do século XIX, as crianças morriam em grande número e eram consideradas tão insignificantes, tão mal entradas na vida, que não se temia que após a morte elas voltassem para importunar os vivos. Porém, salientamos que a história da infância é um fenômeno histórico permeado de mudanças, e essas mudanças podem ser observadas ao estudarmos as construções funerárias infantis, que atualmente são alocadas nos diferentes cemitérios do Brasil que buscam imortalizar a identidade/individualidade da criança morta. (ARIÈS apud SILVA, 2007, p. 30).

Um dos elementos que buscam dar identidade/individualidade a criança morta é sua fotografia, que segundo Silva (2007) é um sinal de que a criança não era mais concedida como perda inevitável. Nessas fotos a família busca retratar não somente um sentimento de saudade, mas também retratam aspectos do futuro promissor que a criança teria em vida. No caso específico do túmulo estudado, a fotografia, muito provavelmente de estúdio, visto a roupa utilizada e o fundo retratado. A foto mostrando a criança em sua esplendida forma visa mostrar o quão bem cuidada era a criança em vida, talvez uma forma de eximir o sentimento de culpa pela morte prematura, ou mesmo preservação da memória.

O túmulo estudado é feito de concreto, típico do contexto da década de 1970. O formato do mesmo lembra um berço, devido principalmente as grades que se encontram no entorno. Na cabeceira do túmulo encontra-se um altar no qual podemos observar a presença de anjos e objetos que se remetem a religiosidade da família e a idade da criança (Figura 29).

**Figura 29:** Túmulo de Cleuza Santinon (2)



Fonte: Roberto dos Santos Viana (05/01/2018)

É muito comum nos túmulos de crianças a presença de brinquedos, como podemos observar no túmulo estudado a presença de uma boneca. A utilização de bonecas pelas meninas é algo culturalmente construído, pois ao brincar de boneca ou de casinha, a mulher estava sendo treinada para ser uma boa esposa e uma boa mãe. A cor do túmulo também se relaciona a uma construção de gênero, visto que, ao pintar o túmulo de rosa, a família quer retratar a feminilidade presente na criança.

A presença dos anjos também é um elemento essencial para compreensão da religião, visto que, na cultura cristã, o anjo aparece como entidade de mediação entre o mundo terrestre e o plano celestial, são eles que cuidarão da alma da pessoa, garantindo uma boa travessia rumo a ressurreição. Porém salientamos que no cristianismo a criança é vista como um ser livre do pecado imaculado, sendo assim possui caminho livre para o céu. Outro elemento que chama a atenção é uma cruz no alto do túmulo uma vez que esse objeto é sinal pleno da ressurreição, da

vida eterna que remete ao cristianismo e que junto com as imagens de Nossa Senhora, terço e o escapulário a crer que a família do morto era católica.

**Figura 30:** Túmulo de Cleuza Santinon (3)



Fonte: Roberto dos Santos Viana (05/01/2018)

Outro aspecto que chama a atenção é o desgaste do túmulo que provavelmente foi construído da década de 1970. Muitos túmulos dessa parte do cemitério estão desgastados com o tempo, porém, percebemos que os familiares não têm cuidado afetivo com eles, não colocam flores, velas e etc. No túmulo estudado percebemos a presença efetiva da família por exemplo, por meio das flores, mas entendemos que talvez a mesma não possua condições financeiras o suficiente para a reforma do túmulo estudado.



### 4.3 Túmulos sem identificação

Como último exemplo da forma como foi aplicada a metodologia de análise sobre fotografias cimiteriais escolhemos a descrição e interpretação de um túmulo sem identificação. É comum nos cemitérios brasileiros a existência de locais em que são enterradas pessoas consideradas como indigentes.

Essas pessoas que muitas vezes são fruto da desigualdade social presente no Brasil, ao morrerem são direcionados a esses locais, porém em sua maioria esses indivíduos não são identificados pelos nomes. No Cemitério Municipal de Pérola não encontramos um espaço direcionado a essas pessoas, talvez porque diferente dos grandes centros urbanos, as desigualdades sociais não se materializam nos espaços das ruas.

**Figura 31:** Túmulo sem identificação (1)



Fonte: Roberto dos Santos Viana (05/01/2018)

Num primeiro olhar sobre o túmulo estudado poderíamos identificá-lo como sendo um túmulo indigente, porém alguns elementos existentes no túmulo nos chamam a atenção. Primeiramente a existência de diversos ícones em cima do túmulo, como podemos observar principalmente nas fotografias 32 e 33. Ao visitar o túmulo em diferentes datas no decorrer dessa pesquisa, percebemos que é crescente o número de ícones, bem como a semelhança entre eles - representações de anjos. Outro fator que nos faz descartar a indigência são as placas de Túmulo perpétuo que consta nele.

**Figura 32:** Túmulo sem identificação (2)



Fonte: Roberto dos Santos Viana (05/01/2018)

A placa perpétua é uma identificação para aqueles túmulos que já foram adquiridos pelos familiares após o pagamento de uma taxa a Prefeitura Municipal, ou seja, algum familiar adquiriu o título perpétuo, bem como continua a abastecer esse túmulo com ícones religiosos principalmente imagens de anjos. Mas o por que não identificam o túmulo? Essa pergunta fica em aberto nesse trabalho, talvez uma entrevista com os familiares num posterior momento pode

nos responder essa pergunta. O que sabemos por enquanto é que a grande presença de anjo, que são vistos como aqueles que deverão levar o morto para a salvação.

**Figura 33:** Túmulo sem identificação (3)



Fonte: Roberto dos Santos Viana (05/01/2018)

A grande presença de estátuas de anjos também pode remeter a figura de uma criança ou adolescente enterrado naquele espaço, visto que, esses indivíduos muitas vezes são identificados como sendo "anjinhos" ao falecer. Portanto percebemos que o espaço cemiterial se configura como sendo um espaço de memória e signos a serem identificados e compreendidos pelo historiador.

#### **4.4 O Cruzeiro**

O Cruzeiro dentro do cemitério possui uma importância muito grande para a comunidade local, visto que, esse espaço materializa-se como sendo o local de oração pelas almas dos defuntos, afim de que eles encontrem o caminho da salvação eterna no cristianismo, e para diversas outras religiões.

Esse espaço sacralizado se constitui na cultura religiosa como sendo um local que não se materializa como centro geométrico do cemitério da planta cemiterial visto que, no caso de Pérola houve uma ampliação desse espaço inicial, portanto, o cruzeiro se constitui na religiosidade como sendo o centro de referência que simbolicamente representa o ponto de

origem e comunicação com o sagrado, o *Axis Mundi* (ELIADE, 1992), que quando portador de sentidos, permite ao homem situar-se no mundo.

**Figura 34:** Cemitério Municipal de Pérola, perspectiva do Cruzeiro



Fonte: Roberto dos Santos Viana (02/11/2017)

Mircea Eliade (1992), compreende que para continuação da existência humana, torna-se necessário a criação de espaços de comunicação permanente com o céu, para que assim o homem não viva o "Caos". Esse espaço de comunicação se constitui como sendo o *Axis Mundi*, simbolismo do centro do mundo, e é ele que nos permite compreender o comportamento religioso em relação ao espaço de vivência, o Cemitério Municipal de Pérola (Figura 34).

O cruzeiro cemiterial se materializa como sendo uma hierofania (Eliade, 1992), manifestação do sagrado, o *Axis Mundi* que une o mundo divino com o mundo dos mortos, e comunica Terra, Céu, e regiões inferiores numa articulação "sistema mundo", onde os territórios que o cercam se constituem "nosso mundo". Segundo Eliade ao analisar o "Centro do Mundo" na obra *O Sagrado e o Profano*:

Temos, pois, de considerar uma sequência de concepções religiosas e imagens cosmológicas que são solidárias e se articulam num "sistema", ao qual se pode chamar de "sistema mundo" das sociedades tradicionais: (a) um lugar sagrado constitui uma

rotura na homogeneidade do espaço; (b) essa rotura é simbolizada por uma "abertura", pela qual se tornou possível a passagem de uma região cósmica a outra (do Céu à Terra e vice-versa; da Terra para o mundo inferior); (c) a comunicação com o Céu é expressa indiferentemente por certo número de imagens referentes todas elas ao Axis Mundi: pilar (cf. a *universalis columna*), escada (cf. a escada de Jacó), montanha, árvore, cipós etc; (d) em torno desse eixo cósmico estende-se o "Mundo" ("nosso mundo") - logo, o eixo encontra-se "ao meio", no "umbigo da Terra", é o Centro do mundo. (ELIADE, 1992, p. 38)

Sendo o lugar muito visitado no Cemitério, é comum encontrar no cotidiano desse local a prática de ascender velas, fazer orações bem como deixar outros objetos que remetem a memória dos mortos e dos seus santos de devoção (Figura 35). Essas manifestações da devoção aos mortos no cruzeiro como afirma Renata Mirian Alves (2014), permite melhor compreender as representações que acontecem no imaginário coletivo.

**Figura 35:** Cultura Material no Cruzeiro (1)



Fonte: Roberto dos Santos Viana (05/09/2017)

Desde a antiguidade o símbolo da cruz se fez presente na história de diferentes povos, porém, é com o advento do Cristianismo que a cruz torna-se expressão de uma fé religiosa. A cruz no Cristianismo rememora a história do salvador e a possibilidade da ressurreição dos mortos e a salvação, por isso sua presença no ponto central do Cemitério, com a função de rememorar a história da salvação, bem como com a função santificadora do local. Salientamos que o símbolo da cruz se faz presente também nos túmulos observados durante a pesquisa, assunto que discutiremos posteriormente.

A Cruz é simbolicamente encontrada em diferentes culturas como a egípcia, chinesas e etc, porém, é no Cristianismo que essa passa a ser vista como o elo de ligação entre o céu e a terra, servindo portanto, como esperança da ressurreição no cristianismo. Como já mencionamos, um dos símbolos característicos dos cemitérios cristãos é o cruzeiro. A cruz, em forma de cruzeiro, aparece no glossário de Termos sobre Religiosidade (p.44) como sendo: Grande cruz de pedra ou de madeira que se ergue nos adros das igrejas, nas praças, nos cemitérios etc. Os cruzeiros, colocados nos cemitérios, têm a determinante função de santificar o local que recebe os restos mortais daqueles que, em vida, acreditaram na vida após a morte, ergue-se o cruzeiro a lembrar aos vivos a piedade pelos mortos. (ALVES, 2014, p.150)

**Figura 36:** Cultura Material no Cruzeiro (2)



Fonte: Roberto dos Santos Viana (05/01/2018)

Segundo dados do IBGE (2010) a cidade de Pérola possui como religião predominante o Cristianismo, porém observou-se no decorrer da pesquisa a presença de vestígios da cultura material afro-brasileira representadas por meio das oferendas colocadas aos pés do Cruzeiro (Figura 37), um litro de pinga e no seu entorno resquícios de velas queimadas, sendo estas últimas comuns a diversas denominações religiosas. O Cruzeiro para as religiões afro-brasileiras é um lugar que irradia energias e a prática de colocar oferendas é um elemento muito comum nos cemitérios brasileiros.

**Figura 37:** Cultura Material no Cruzeiro (3)



Fonte: Roberto dos Santos Viana (05/01/2018)

Inúmeras são as possibilidades de trabalho histórico quando se compreende os cemitérios como espaços de memória. A ceara aqui apresentada é um exemplo disso. Em apenas quatro túmulos e um espaço coletivo conhecemos um pouco da história do município de Pérola traçados a partir de pessoas que lá viveram ainda na infância ou na vida adulta por meio do estudo da cultura material presente no cemitério local.

Desse estudo destacamos os dados sobre a religiosidade dos falecidos e falecidas, sobre como a sociedade perolense organiza o sagrado cemiterial, informações acerca do poder político e econômico local além de fornecer dados sociais como o quadro da mortalidade infantil no município organizado a partir da análise do túmulo da menina Cleuza Santinon. O Álbum Pedagógico, fruto desse levantamento, é ainda mais completo e pode colaborar para que o trabalho do docente de História nos anos finais do ensino fundamental dê, não só ao município uma outra visão de sua história, mas, da própria disciplina junto aos alunos e alunas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No caminho que trilhamos na construção desta dissertação, nos propusemos analisar as maneiras pelas quais a sociedade da cidade de Pérola-PR se organiza para vivenciar suas relações com a morte. Para isso tomamos como objeto de estudo dessa dissertação fotografias dos túmulos do Cemitério Municipal, bem como de outros espaços de memórias da cidade, que nos permitiu a construção de álbum pedagógico como complemento dessa dissertação. Esse álbum pedagógico tem como objetivo principal contribuir com a prática docente do professor de História dos anos finais do ensino fundamental, que buscam adotar como objeto de suas aulas, a História Local, tomando como ponto inicial desse estudo, o espaço dos mortos.

Estudar os espaços de memórias de uma cidade é um grande desafio para o historiador que se debruça no estudo da História Local, essa que nos últimos anos tem sido vista pela maior parte dos teóricos do ensino de História, como o principal caminho para o desenvolvimento da aprendizagem histórica em sala de aula, visto que, quando o aluno se reconhece enquanto agentes ativos dentro do processo histórico, ele acaba por atribuir um significado a aprendizagem histórica o que facilita o processo ensino-aprendizagem de um contexto mais amplo.

Esse álbum pedagógico visa contribuir para a amenização de um dos grandes problemas que percebemos ao longo de nossa prática docente, que é a desvalorização da História Local em detrimento da História Geral, e atender aos anseios de grande parte dos professores que afirma não trabalhar História Local devido a dificuldade de encontrar fontes históricas para esse trabalho. Porém, compreendemos ao longo de nossa prática, que os mesmos muitas vezes só compreendem a fonte histórica como sendo sinônimo de material escrito, e esquecem que o conceito de fonte histórica compreende tudo o que o ser humano produz, como filmes, entrevistas, esculturas, pinturas, músicas, poemas, fotografias dentre outros, e é partindo dessas fontes que se constrói o trabalho do historiador que é o de problematizar aquilo que o ser humano produziu ao longo do tempo.

Se compreender aspectos factuais da história local é visto muitas vezes como complicado para muitos professores de História, quem dirá, trabalhar os espaços de memórias, tomando como objeto de estudo o espaço da morte. Esse espaço que é o cemitério, é visto por muitos como sendo somente um espaço de alocação dos mortos a espera do juízo final, porém, quando ele é visto como espaço de memória ele pode proporcionar ao professor de história um ambiente de ensino-aprendizagem.



Partindo dessas premissas, procuramos discutir a relação entre morte, memória e o ensino de História. A morte aqui foi entendida enquanto memória, por isso a importância de fundamentarmos o conceito de memória principalmente em Le Goff (2003), visto que são os vivos que rememoram o morto por meio dos vestígios materiais e imateriais que se encontram nos túmulos individualizados. Outra discussão que realizamos nesse capítulo foi a compreensão de como a morte pode ser visto no ensino história e concluímos que ela deve ser compreendida como manifestação sociocultural de uma dada sociedade, que por meio de suas orações, ritos, objetos e símbolos que se materializam nos cemitérios, que por si só, são lugares de memória e história, capazes de fazer o historiador compreender a constituição da vida em sociedade.

Em Pérola e seu cemitério, buscamos compreender a formação do espaço geográfico perolense enquanto fruto da iniciativa privada constituída pela empresa Byington na década de 1950. Procuramos também apontar a constituição do espaço cemiterial que não se desvincula da construção da cidade como observamos em sua planta inicial, além de, mostrar alguns espaços do cemitério. Também apontamos algumas lacunas que ficam em aberto no estudo da colonização realizada pela empresa Byington na região, bem como problematizamos os discursos realizados pela mesma acerca da prosperidade que o local proporcionaria a quem comprasse um lote de terras nessa região.

Para abordarmos o ensino de história e o uso de imagens, descrevemos nossa metodologia de análise das fotografias, bem como de outros espaços de memórias da cidade. A partir delas construímos um exemplo de ficha de análise do espaço dos mortos, bem como demonstramos a aplicação dessa ficha em algumas fotografias, que pode ser vista de forma mais detalhada no álbum pedagógico que faz parte dessa dissertação.

Construir uma pesquisa direcionada para o dia a dia de sala de aula é um grande desafio ao meio acadêmico, visto que, ocorre historicamente uma separação entre a academia e o chão das escolas brasileiras. E é nesse desafio de unir pesquisa e ensino de história em um mestrado foi que essa dissertação se construiu. Algumas lacunas ficaram, porém, nosso foco principal que era a construção de um produto pedagógico a ser direcionado para o ensino de história nas séries finais do ensino fundamental se construiu, bastando somente aos professores de História darem o acabamento final de acordo com sua realidade local.

## REFERÊNCIAS

### Documentais

JORNAL, folha de Pérola. **Folha de Pérola**. Pérola, ano I, edição 8, agosto 2010. Panfleto de propaganda Byington & Cia colonização. Pérola, 1959.

### Bibliográficas

ALMEIDA, Marcelina das Graças de. **Memória e História: o cemitério como espaço para educação patrimonial**. Disponível em: <[http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1437954075\\_ARQUIVO\\_ARTIGOCOMPLETOANPUH2015.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1437954075_ARQUIVO_ARTIGOCOMPLETOANPUH2015.pdf)>. Acesso em 10/05/2017.

ALVES, Renata Mirian. **Cemitérios entre tumbas e esquecimento, um patrimônio à sombra da memória**. 2014. 200fls. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação em História/PPGH, 2014. Disponível em: <<http://www.cch.unimontes.br/ppgh/Dissertacoes/Dissertacao%20-%20Renata%20Miriam%20Alves.pdf>>, acesso em 12/01/2018.

ARÉVALO, Maria Conceição da Massena. **Lugares de memória ou a prática de preservar o invisível do concreto**. Disponível em: <<file:///D:/Documentos/Downloads/MarciaDaMassena.pdf>>. Acesso em 12/07/2017.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Tradução de Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ARIÈS, Philippe. **O homem perante a morte**. 2 ed. Publicações Europa-América, Biblioteca Universitária. v. I e II, 1977.

BARBOSA, Vilma de Lurdes. Ensino de História Local: redescobrimo sentidos. **Saeculum**. Revista de História, João Pessoa, v. 15, p. 57-85, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/11357/6471>>. Acesso em 27/05/2017.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BITTENCOURT, Circe (org). **O saber histórico na sala de aula**. Editora Contexto, 2004.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Zahar, 2002.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BUOSI, Deolinda Corniceli. **Pequenas Pérolas**. Pérola, Paraná, 2013.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

CAIMI, Flávia Eloisa. Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar? **Anos 90**. Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.129-150, dez. 2008.

CALLIA, Marcos H. P. Introdução. In: OLIVEIRA, Marcos Fleury de; CALLIA, Marcos H. P. (orgs.) **Reflexões sobre a morte no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2005.

CANABARRO, Ivo. **Fotografia, História e Cultura fotográfica: aproximações**. Revista Estudos Ibero-americanos. PUC - RS, Dezembro, 2005. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/viewFile/1336/1041>>. Acesso em 05/12/2017.

CARDOSO, Cássia Regina Soares. **O processo de ocupação do noroeste paranaense nas décadas de 1950 e 1960**. IN: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Curitiba: SEED/PR, 2007. Disponível em: <[http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes\\_pde/artigo\\_cassia\\_regina\\_soares\\_cardoso.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_cassia_regina_soares_cardoso.pdf)>. Acesso em 14/07/2017.

CASTRO, Elisiana Trilha. **Aqui também jaz um patrimônio: identidade, memória e preservação patrimonial a partir do tombamento de um cemitério (o caso do Cemitério do Imigrante de Joinville/SC. 1962-2008)**. 2008, 210 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade), PGAU-CIDADE, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CASTRO, Maria Laura Viveiros de; FONSECA, Maria Cecília Londres. **Patrimônio imaterial no Brasil**. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008. 199 p.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

CERRI, Luis Fernando. **Recortes e organizações de conteúdos históricos para a educação básica**. Londrina, PR: Revista UEL, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Trad. Ephraim F. Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **Á Beira da Falésia: a História entre certezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHIES, Cláudia; Yokoo, Sandra Carbonera. **O papel das praças públicas: estudo de caso da praça Raposo Tavares na Cidade de Maringá**. Disponível em: <[http://www.fecilcam.br/nupem/anais\\_iv\\_epct/PDF/ciencias\\_exatas/12\\_YOKOO\\_CHIES.pdf](http://www.fecilcam.br/nupem/anais_iv_epct/PDF/ciencias_exatas/12_YOKOO_CHIES.pdf)>. acesso em 22/06/2018.

DAMATTA, Roberto. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. **Mana** vol.6 n.1 Rio de Janeiro Apr. 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132000000100001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132000000100001)>. Acesso em 19/03/2017.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. 1.ed. São Paulo (SP): Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1992.

ELIAS, Nobert. **A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

FABRINI, Flávio. **Formação socioespacial do noroeste do Paraná e a ação da companhia colonizadora Byington**. 2014. 123fl. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Maringá, Maringá (PR), 2014. Disponível em: <<http://www.pge.uem.br/documentos-para-publicacao/dissertacoes-1/dissertacoes-2014-pdfs/FlavioFabrini.pdf>>. Acesso em 20/06/2017.

FABRINI, Flávio. O processo de formação socioespacial no noroeste do Paraná e as atividades realizadas pela companhia Byington. IN: **História do Paraná - Migrações, políticas e relações interculturais na reocupação das regiões Norte, Noroeste e Oeste do estado do Paraná**. Toledo, PR: Editora Fasul, 2016, p. 89-120.

FERREIRA, Silvia Barbosa de Souza **A cultura técnica e profissional de projetistas de cidades de colonização no norte do Paraná e no norte de Mato Grosso (1950-1978)** 2017. Tese (doutorado). Instituto de Arquitetura e Urbanismo, USP/São Carlos, 2017.

FONSECA, Aparecida Valério Fonseca. **Investigando o passado com um olhar na história local**. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Curitiba: SEED/PR, 2008. Disponível em: <[http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes\\_pde/artigo\\_solange\\_aparecida\\_valerio\\_fonseca.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_solange_aparecida_valerio_fonseca.pdf)>. Acesso em 20/06/2017.

FRANCO, Maria Conceição Vilela. **A morte conta a vida: os cemitérios como lugar de memória na antiga Macaé, entre 1855 e 1910**. **Anais - Identidades - Encontro de História (Anpuh - Rio)**, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <[http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212694327\\_ARQUIVO\\_Amortecontaavida-MariadaConceicaoVilelaFranco.pdf](http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212694327_ARQUIVO_Amortecontaavida-MariadaConceicaoVilelaFranco.pdf)>. Acesso em 10/06/2017.

GONÇALVES, José Henrique Rollo Quando a imagem publicitária vira evidência factual: versões e reversões do Norte (novos) do Paraná – 1930-1970. **Maringá e o Norte do Paraná: estudos de história regional**. Maringá: Eduem, 1999, p. 87-121.

GREGO, Dirce de Moraes. **A História Local e regional: o impacto socioeconômico da modernização agrícola**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2257-8.pdf>>. Acesso em: 21/07/2017.

GUIMARÃES, Selva. **Caminhos da História ensinada**. Campinas, SP: Ed. Papirus, 1993.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Ed. Centauro, 2003.

HIPÓLITO, Paulo. **Cemitério São João Batista de Guarabira - PB: espaço pedagógico para o ensino de História**. 2015, 148f. Dissertação (Mestrado), UFPB, Paraíba - PB, 2015. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/8088/2/arquivo%20total.pdf>>. Acesso em: 12/06/2017.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LIMA, Rafaela Moreira de. A conveniência da morte: os rituais fúnebres e o consumo mortuário em Limoeiro do Norte-CE. **Anais ANPUH**, Natal, 2013. Disponível em: <[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364911292\\_ARQUIVO\\_Artigo\\_ANPUH\\_Rafaela.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364911292_ARQUIVO_Artigo_ANPUH_Rafaela.pdf)>. Acesso em 12/06/2017.

LIMA, Solange Ferraz de. CARVALHO, Vânia Carneiro de. Usos sociais e historiográficos da fotografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

LUCENA, Célia Toledo. Memória e história local: ensino e pesquisa. **Tópicos educacionais**, Recife, v. 12, p. 6-21, 1994. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/article/view/23178/18867>>. Acesso em: 10/07/2017.

MAUAD, Ana Maria. Através da Figura: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, 1996, p.73-98.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O que é a morte**. São Paulo: Brasiliense, 1998. (Coleção primeiros passos)

MATHIAS, Carlos Leonardo Kelmer. **O ensino de História no Brasil**: contextualização e abordagem historiográfica. Unisinos, RS, 2011.

MEDEIROS, Márcia Maria de. Concepções historiográficas sobre a morte e o morrer: comparações entre *ars moriendi* medieval e o mundo contemporâneo. **Revista Outros Tempos**. Dossiê Religião e Religiosidade, v. 5, nº 6, Dez/2008.

Disponível em:

<<http://www.outrostempos.uema.br/vol5.6/art.9.pdf>>. Acesso em 12/08/2017. MORIN,

MITSI, Márcia Eléia Manha. SOUZA, Maria Irene Pellegrino de Oliveira. **A fotografia como evidência histórica - retrato da família Mitsi**. IN: Anais do II encontro nacional de estudos da imagem. Londrina, 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1929>>, acesso em 02/02/2018.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Lisboa: Europa - América, 1997.

MOTA, Lúcio Tadeu. A Construção do 'Vazio Demográfico' e a Retirada da Presença Indígena da História Social do Paraná. **PÓS-HISTÓRIA**: Revista de Pós-Graduação em História (Universidade Estadual Paulista). Assis, SP. 1993.

PADRÓS, Enrique Serra. Literatura e Autoritarismo: o esquecimento da violência. **Literatura e Autoritarismo**. **Revista Letras**, jan-jun 2001, p. 79-95.

PAGOTO, Amanda Aparecida. **Do âmbito sagrado da igreja ao cemitério público**: transformações fúnebres em São Paulo (1850–1860). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

PARANÁ. **Lei 13.381, de 18 de dezembro de 2001.** Torna obrigatório, no ensino fundamental e médio da rede pública estadual de ensino, conteúdos da disciplina história do Paraná. Diário Oficial do Paraná, Brasília, n. 6134, 18 dez. 2001.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – História.** Curitiba: 2008. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce\\_hist.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_hist.pdf). Acesso em 26/07/2018.

PRIORI, Angelo Aparecido. O ensino de história regional e local: alguns problemas e algumas perspectivas. II Encontro Perspectivas do Ensino de História, 1996, São Paulo. **Anais.** II Encontro Perspectivas do Ensino de História. São Paulo: FEUSP, 1996. v. Único. p. 705-711.

PRIORI, Angelo Aparecido. Populações tradicionais, camponeses e trabalhadores rurais sem-terra: diálogos, trajetórias e mudanças. **Diálogos** (Maringá. Online), v. 17, n.1, p. 105-115, jan.-abr./2013. Disponível em: [file:///C:/Users/sramo/Downloads/36036-160906-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/sramo/Downloads/36036-160906-1-SM%20(1).pdf). Acesso em 26/07/2018.

RÜSEN, J. **Razão histórica:** teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SANTOS, Franklin Santana, Perspectivas Histórico-Culturais da Morte. In: Dora Incontri & Franklin Santana Santos (Orgs.) **A Arte de Morrer** -Visões Plurais. Bragança Paulista: Editora Comenius. 2007, p. 13-25.

SCHNELL, Rogério. **O uso da fotografia em sala de aula Palmeira: espaço urbano, econômico e sociabilidades – a fotografia como fonte para a história – 1905 a 1970.** Disponível em: < <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/5-4.pdf>>. Acesso em: 20/02/2018.

SEEMANN, Jorn. O espaço da memória e a memória do espaço: algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas. **Revista Casa da Geografia**, v.4, nº1, 2002. Disponível em: <<http://www.uvanet.br/rcgs/index.php/RCGS/article/view/77>>. Acesso em: 22/06/2018.

SILVA, João Batista da. **Memórias da infância:** as fotografias de crianças no cemitério de Maringá. Monografia

TAVARES, Thiago Rodrigues. **Um ritual de passagem: o processo histórico do “bem morrer”**, 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/graduacaocienciasociais/files/2010/11/%C2%B4%C2%B4Um-ritual-de-passage%C2%B4-Thiago-Tavares.pdf>. Acesso em 22/06/2018.

TOMAZI, Nelson. **Norte do Paraná:** história e fantasmagorias. Curitiba. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Paraná, 1997.

VOVELLE, Michel. A história dos homens no espelho da morte. In: BRAET, Herman & WERNER, Verbeke. **A morte na idade média.** São Paulo: USP, 1996.